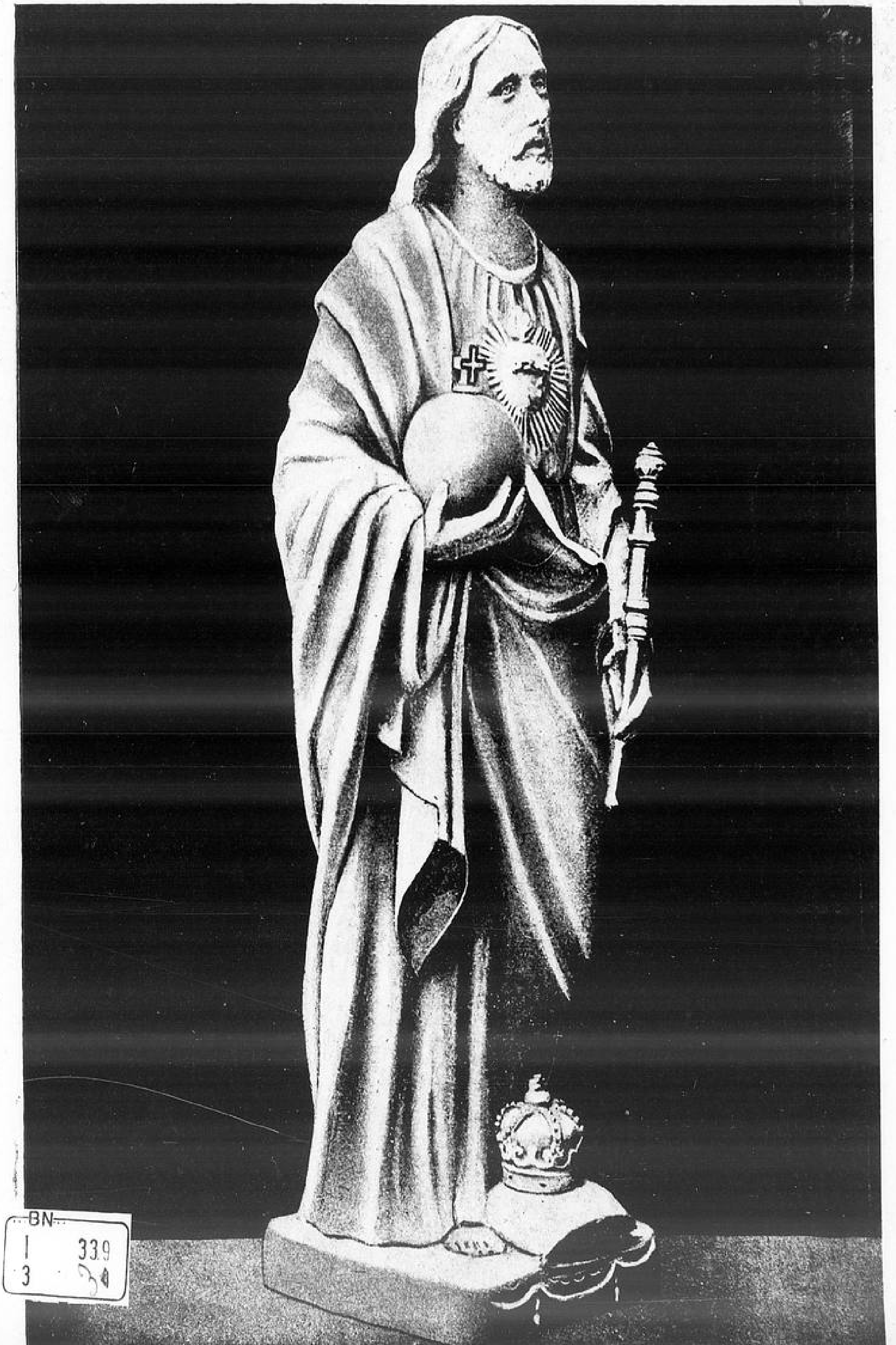


Royal Exchange
FUNDADA EM 1720
Assurance
COMPANHIA INGLEZA DE SEGUROS
TERRESTRES E MARITIMOS

Companhia Paulista de Seguros
FUNDADA EM 1908
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

Legal and General
FUNDADA EM 1836
Assurance Society
LIMITED
COMPANHIA INGLESA DE SEGUROS

3 SOLIDISSIMAS
COMPANHIAS DE SEGUROS
REPRESENTADAS NO RIO POR
MURRAY, SIMONSEN & C. LTDA



BN
1 339
3 34

Royal Exchange
FUNDADA EM 1720
Assurance
COMPANHIA INGLEZA DE SEGUROS
TERRESTRES E MARITIMOS

Companhia Paulista de Seguros
FUNDADA EM 1906
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

Legal and General
FUNDADA EM 1836
Assurance Society
COMPANHIA INGLESA DE SEGUROS

**3 SOLIDISSIMAS
COMPANHIAS DE SEGUROS
REPRESENTADAS NO RIO POR
MURRAY, SIMONSEN & C. LTDA**

Mensageiro de N.S. Menina

ANO III

RIO DE JANEIRO — OUTUBRO DE 1942

Nº 30

Redação e Administração: Capela de N. S. Menina — RUA OTO DE ALENCAR, 20 — FONE 28-7823.
Escritório: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10-1.º and. — FONE 22-7368

DIRETOR: DOM CARLOS DUARTE COSTA (Bispo de Maura)

O Triângulo da Civilização Cristã na Carta do Atlântico

Roberto Grove, perito em assuntos americanos do BRITISH NEWS SERVICE, especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS, de Londres, em 10 de Outubro, diz:

“O triângulo de Washington-Londres-Rio de Janeiro tem tantas vantagens óbvias que parece fútil enumerá-las. Mas, nos comentários publicados nos jornais da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos notam-se as seguintes: o perigo de uma dominação anglo-saxônica no após guerra, pela falta de um grande país latino ao lado das Nações Unidas, desapareceu; com a entrada do Brasil, todos os maiores grupos étnicos do mundo estão devidamente representados; a raça nórdica pela Grã-Bretanha e os Estados Unidos, os latinos pelo Brasil, os eslavos pelos russos e os asiáticos pela China.

“A combinação Washington-Londres-Rio de Janeiro tem um valor militar, naval e aéreo incalculável. Natal e Dakar são pontos vitais não somente na Batalha do Atlântico como na estratégia geral da guerra, pois a entrega de grande parte do material para as forças das Nações Unidas no Norte da África, no Oriente Médio, na Índia, na China e mesmo na Rússia é feita através do “estreito Natal-Dakar, no mar ou pelo ar. A entrada do Brasil na guerra já deu ótimos resultados na Batalha do Atlântico Sul, pois a participação ativa do Brasil, no combate aos corsários do “Eixo”, vem eliminando os estorvos à navegação aliada. E, sem a entrada do Brasil ao lado das Nações Unidas, teria sido impossível que o Secretário da Marinha dos Estados Unidos, em

caráter oficial, fosse ao Rio de Janeiro para combinar medidas de ação conjunta.

“Porém, há um outro aspecto que interessa aos homens bem intencionados de Londres e Washington. O triângulo Rio de Janeiro-Londres-Washington tem razão de ser na história das relações entre os três países, no intercâmbio econômico, financeiro e comercial dos povos do Brasil, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos e fundamenta-se em laços culturais e intelectuais de longa data. O que surgiu, portanto, como uma colaboração mais ou menos efêmera, de vez que a guerra não durará para sempre, alicerçar-se em bases sólidas e eternas.

“As economias dos três países são homogêneas e como devê haver interdependência em todas as relações econômicas internacionais, para que os círculos de negócios se completem, este fato é considerado como um bom augúrio para o futuro das relações Brasil-Grã-Bretanha-Estados Unidos.

“Com o novo desenvolvimento das relações culturais, sendo o British Council, em Londres, e a Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado, em Washington, os órgãos principais para este fim — o triângulo militar e o triângulo econômico serão reforçados naturalmente pelo triângulo cultural.

Ponhamos em cima da mesa, não de um navio, mas de um gabinete de estudo a CARTA DO ATLÂNTICO.

O BRASIL entrou na fase das operações bélicas. Está na maior batalha desde que o mundo

é mundo. Com as Nações Unidas, defende o maior patrimônio dado pelo próprio Deus ao homem — A LIBERDADE — dentro da razão, esta sujeita ao CRIADOR, apontando na legislação divina os caminhos traçados para que o HOMEM não perca de vista, no mar agitado das paixões, o seu PRINCÍPIO e o seu FIM.

E' com as credenciais da CARTA DO ATLANTICO que o BRASIL se apresentará, não para pedir, mas para impôr aos tresloucados o CAMINHO a seguir para que o MUNDO, voltando ao domínio da razão, dentro dos esplendores da FE' CRISTÃ, se equilibre novamente.

Deus, na criação, deu ao HOMEM o mundo, para que se sentisse feliz na viagem da vida e, unido a Ele pela sua lei, voltasse a Ele no termo, que é o gozo do próprio DEUS.

Apresenta-se, pois, o Brasil como Nação forte, digamos, qual potência á potência, á mesa das discussões, de onde sairá um mundo novo, muito melhor que o passado.

Nessa mesa, o Brasil não se representa só a si, mas representa toda a raça latina, encabeçada pela heróica França, rindo-se dos Laval e Petain, que com Hitler, merecem todo o desprezo da Humanidade, algemada nas correntes do Nacional-Socialismo, do petulante fascismo e desse hipócrita falangismo, os três ismos que representam a desgraça da humanidade, cercada na sua LIBERDADE por governos totalitários, distantes das massas populares, quer dizer, de governos que beneficiam poucos, deixando o mundo na miséria.

Nessa mesa, assentar-se-á o Brasil, para que o mundo conheça novamente os encantos de Belém, as ternuras de Nazaré, os verdadeiros ensinamentos do Divino Mestre, conversando com as turbas, instruindo os ignorantes, sarando os enfermos, ressuscitando os mortos e apontando coisa muito melhor do que este mundo, onde estamos de passagem, o CÉU.

Dessa mesa sairá um mundo novo, onde terão a palavra os Técnicos, abrindo á Solidariedade Humana as portas dos órgãos sociais, onde todos poderão trabalhar para a grandeza da Pátria.

Dessa mesa sairá a formação do caráter desse mundo novo, sendo expulsos do convívio social os hipócritas, os farizeus, os sepulcros caídos, para os quais CRISTO aponta o azorrague.

Nessa mesa se instruirão as gerações vindouras, livres de bater a moeda nesses balcões, onde ficam corroidas as consciências mais puras, acompanhando o terço tirado nos Palácios governamentais.

Dessa mesa sairão gerações fortes, que com o seu trabalho serão dignificados pela Pátria, dignificando-a.

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Carlos D. Fernandes

No trajeto que vai do berço ao túmulo,
Cada homem tem o seu fadário...
Si o meu destino é mau, dêle afastai-me,
Nossa Senhora do Rosário!

Pela fieira de rosas emblemáticas,
Que trazeis na mão,
Enchei minh'alma de esperança,
De alegria e de paz meu coração.

Sois de Belo Horizonte o astro luzente,
A vigilante Padroeira,
Que infundis graça e bemaventurança
Em toda a terra mineira.

Comigo reparti vossos favores,
Doce Maria, "Estrêla do Mar"!
Não me entregueis ao nuto da má sorte,
Nem me deixeis pecar.

Quando a minh'alma desarvorada
Tomar estradas tortuosas,
Como um sinal erguei ante os meus olhos
Vossa camândula de rosas.

Si eu, pecador, por meus desvios,
Rolar, vencido, pelo chão,
Sêde clemente, Mãe piedosa,
Alevantai-me pela vossa mão.

Essa mesa será cega na distribuição da Justiça; favorável às Comunicações, que, depois de tornarem os brasileiros felizes, dentro da sua terra, farão o Brasil cada vez mais respeitado no concerto das Nações.

Nessa mesa se sentará o Gigante do Corcovado, para dizer que esta terra é nossa, exclusivamente nossa.

E nessa mesa ficará conhecido, de uma vez para sempre, todo o patrimônio do Brasil solo, do Brasil moral e do Brasil espiritual.

Essa é a mesa que fará desaparecer do mundo os PRIVILEGIADOS!

NATAL-DAKAR, si fecha o triângulo LONDRES-RIO DE JANEIRO-WASHINGTON, para facilitar as operações bélicas no ATLANTICO, nesta guerra a que fomos arrastados e na qual entramos para vingar o SANGUE DE NOSSOS PATRÍCIOS, derramado inutilmente e por covardia de HITLER e MUSSOLINI, após guerra, abrirá as portas do ATLANTICO SUL para todas as Nações, sem exceções.

Cardial Dom Sebastião Leme

Dom Carlos

Conheci-o, quando tinha meus nove anos, em Roma, no Colégio Pio Latino Americano.

Inteligente, piedoso, de uma vivacidade conquistadora de corações, era um livro aberto, onde todos liam o que se passavam na sua alma.



Dos bancos universitários passava, nas proximidades dos exames finais, para mestre dos seus próprios colegas, no célebre mate, pretexto para as farças colegiais, onde, em geral, os alvos eram: o Pipó, o Rossi, o André, o Tijerino e outros de outras Repúblicas Americanas.

O Pipó foi o seu companheiro fiel até á morte, Monsenhor Mello e Souza.

O Rossi lá está em Goiaz, exemplar chefe de família.

O André é o Dom André Arcoverde.

Tijerino, também, Bispo.

Prefeito da divisão dos filósofos, lá ia muitas vezes, Dom Leme contar histórias para mim e o Hilarião, os menores entre os brasileiros do Colégio.

Quando voltei de Roma, doente, em 1906, já o encontrei Professor no célebre Seminário de São Paulo, sendo Reitor esse padre admirável, que é Monsenhor Maximiano da Silva Leite.

Em 1911, eu me ordeno sacerdote e ele sagra-se Bispo de Ortóxia e Auxiliar do sempre saudoso Cardial Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Minha mãe, que muito o estimava e que se orgulhava de ter nascido no mesmo dia em que ele vira, pela primeira vez, a luz do dia, desse dia que não conhece noite, que é o dia do nascimento de um padre, reconfortou-se com a sua visita, quando muito mal e, a cada momento se esperava a sua morte.

Ela, muito pobre, não sabia o que mais agradecer si a visita ou o óbulo do purpurado. Ela, o anjo da minha guarda, viveu ainda um ano e cinco meses, sempre falando no seu amigo, o Sr. Cardial, com quem a boa velhinha sempre sonhava.

Ordenando-me sacerdote, sentia-me feliz só no pensar que iria aliviar a velhice do meu tio, que me educara, Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo de Uberaba.

Outros eram os desígnios de Deus.

Perdera meu irmão Eduardo na Inglaterra e ficara sendo o arrimo da minha mãe. Ela adoece, traçando um novo rumo na minha vida sacerdotal.

Em Fevereiro de 1912, eis-me auxiliar do Vigário de S. Rita e Secretário da Visita Pastoral, que iniciava no Rio o então Bispo Auxiliar, Dom Sebastião Leme. Em 1916, ele é eleito Arcebispo de Olinda e eu passo a ser Secretário do Arcebispado do Rio de Janeiro.

Em 1921, volta de Olinda como Arcebispo Coadjutor. Foi nessa fase da vida que ele precisou dos meus humildes serviços, dada a amizade que me consagrava o Cardial Arcoverde.

Em 1923, fez-me seu Vigário Geral, conseguindo da S. Sé as honras de Protonotário Apostólico ad instar.

Em 1924, no dia da Imaculada Conceição, recebo das suas mãos a plenitude do sacerdócio. Eis-me Bispo de Botucatu.

As lutas do episcopado foram grandes e, quando a diocese estava em pleno vigor espiritual, a perfídia humana vem perturbar a obra de Deus.

Resigno o Bispado, em 1937, e os meus íntimos, mais tarde, farão justiça.

Como Bispo resignatário, presto á Pátria meus serviços de cidadão brasileiro. Envolvendo a alma do Eminente Purpurado no augustíssimo sacrifício da missa, no Sangue preciosíssimo de Jesus, minha prece é esta:

"Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno; e brilhe sobre ele a luz eterna!"



S. Ex. o Sr. Presidente da República visita a câmara mortuária, onde esteve exposto o corpo de S. Em. Revma. o Sr. Cardial Dom Sebastião Leme.

Em defesa de Dom Carlos

BISPO DE MAURA!

Rebatidas, uma a uma, as acusações do Sr. Macedo Soares — A administração da Diocese de Botucatu — “A vida de Dom Carlos foi e é um exemplo vivo do Pastor amigo de suas ovelhas, primando pela simplicidade edificante e desapego às cousas do mundo” — O artigo do jornalista Franklin de Matos, publicado no “Botucatu-Jornal”, de 1.º do corrente

Dada divulgação, pela Secretaria da Presidência da República, ao telegrama dirigido ao Sr. Getúlio Vargas por Dom Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura, o Sr. J. E. de Macedo Soares publicou um artigo em que procurou tecer acusações referentes à atuação de Dom Carlos quando na Diocese de Botucatu, Estado de São Paulo.

Transcrevemos, a seguir, o artigo do nosso confrade Nelson Franklin de Mattos, diretor do Botucatu-Jornal, publicado em sua edição de 1 do corrente, que assume uma importância fundamental por constituir o depoimento de um jornalista residente naquela mesma diocese paulista.

“AS SUGESTÕES DO BISPO”

Foi com surpresa que, como brasileiro, deparamos com um artigo sob a epígrafe “Sugestões do bispo”, estampado pela “Folha de Botucatu”, na sua edição de 26 do mês p. findo e assinado pelo sr. José Eduardo de Macedo Soares. Embora não lhe tenha sido mencionada a origem, cremos ter sido transcrito do “Diário Carioca” do Rio de Janeiro, e de cujo órgão de imprensa aquele jornalista é diretor. Isso, porém, não importa. O que há a ressaltar é o interesse com que a “Folha de Botucatu” se apressou em divulgar as inverdades contidas no editorial em apreço, quando, até o momento, tem ela se mostrado tão indiferente para com a sorte das democracias...

Não podemos permitir que um prelado genuinamente brasileiro, um sacerdote piedoso, verdadeiro homem de Deus, o ex-bispo de Botucatu, seja alvejado de maneira tão injusta, principalmente no atual momento.

O sr. José Eduardo de Macedo Soares, ao apreciar o telegrama do sr. bispo de Maura, Dom Carlos Duarte Costa, ao Presidente da República, foi bastante infeliz, pelo rumo que imprimiu ao seu libelo, querendo insinuar ter aquele prelado sugerido ao governo a perseguição religiosa.

D. Carlos, ao se dirigir ao Presidente Vargas, fê-lo, antes de tudo, como cidadão brasileiro e como bispo da Igreja na defesa da integridade nacional, não em “exercício de funções oficiais”... Os termos de seu telegrama estão bastantes claros. Aven-tou o afastamento dos partidários do nazismo, fascismo, falangismo. Portanto, aqueles que têm a consciência tranquila nada devem temer.

O bispo de Maura não visou pessoas, mas sim o interesse da Nação. Os fatos, de que somos conhecedores, virão provar de sobejo a procedência da sugestão do insigne príncipe da Igreja brasileira. Não poucos se apresentam os casos de religiosos transviados do ministério do altar, a serviço de ideologias contrárias à segurança político-social do país.

O sr. J. E. Macedo Soares, ao em vez de enfrentar o assunto em si, mudou-lhe completamente o as-

pecto, para trazê-lo para o terreno pessoal. Ai, então, maior foi a sua infelicidade, por quanto suas afirmações estão longe da realidade baseadas que foram, talvez, em informações capciosas.

O articulista trouxe, pois, à baila assuntos que sôbre serem deturpados, não vieram em nada desfazer do mérito e da oportunidade da sugestão do bispo de Maura.

D. Carlos jámais foi fiilado a qualquer partido. Quando bispo de Botucatu tão somente defendeu as reivindicações da Igreja, cumprindo, religiosamente, as instruções emanadas das autoridades eclesásticas superiores, por intermédio da Junta Nacional da Liga Eleitoral Católica. Não recebeu a Revolução de 30 com quatro pedras na mão, como o afirma o sr. José Macedo Soares. Quando da vitória da causa nacional, D. Carlos nem se achava na sede episcopal, e sim na capital da República, em tratamento de sua saúde, seriamente abalada pelos fecundos trabalhos episcopais.

A intenção, que se teve, foi de procurar incompatibilizar esse ilustre prelado brasileiro com o senhor Presidente da República.

Nos acontecimentos verificados em São Paulo, D. Carlos apenas procurou defender os legítimos interesses da Igreja, ameaçados por correntes de pensamento avançado, que se degladiavam no momento, em face da nova orientação constitucional a ser imprimida ao país.

O episcopado paulista unido fez causa comum com a alma bandeirante. O próprio Arcebispo Metropolitano entregou ouro da Curia Arquidiocesana para a causa constitucionalista. Mas, tudo isso são fatos que se não discutem na hora por que atravessa o Brasil. Que dizer então do gesto nobre e patriótico do sr. Julio Prestes?

Nas campanhas eleitorais em que se fez sentir a ação de D. Carlos, ela continuou a se caracterizar pela defesa dos postulados católicos. Em 33, nas eleições a que concorreu a Frente Única Paulista, o bispo de Botucatu agiu obedecendo à orientação superior, figurando até na chapa o nome de um irmão do senhor J. E. Macedo Soares, o embaixador José Carlos de Macedo Soares, o qual, em virtude de pedido seu àquele prelado, tão elevado número de votos recebeu na diocese.

Em 34, a atuação de D. Carlos continuou a ser de observância rigorosa nas instruções reservadas da Junta Nacional da Liga Nacional Católica. E' quando surge a ocorrência a que alude o sr. J. E. Macedo Soares, com relação ao Legado Pontifício ao Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires. D. Carlos jámais hostilizou o Sr. Presidente da República no sentido de cobrir de insultos e baldões a suprema autoridade do país, nem criou, muito menos, dificuldades ao então Cardial Pacelli. A vítima foi transformada em algoz pelo diretor do “Diário Carioca”.

Diante da recusa de D. Carlos em recepcionar em Botucatu o sr. José Carlos de Macedo Soares, na

época ministro das Relações Exteriores, em excursão política pelo Estado de São Paulo, preparando as eleições de outubro de 34, e em virtude dos acontecimentos posteriores, aquele honrado patricio teria ameaçado o Cardial Brasileiro e ao Nuncio Apostólico de que o governo não receberia OFICIALMENTE o Legado Pontifício, si não fosse afastado o bispo de Botucatu!

O sr. Nuncio Apostólico, porém não privou Dom Carlos da diocese, como o disse o sr. J. E. Macedo Soares. Esses fatos foram em 34 e o bispo de Botucatu só veio a renunciar em 37, sendo que suas relações com o governo paulista no período que medeia entre esses fatos, foram as mais cordiais e respeitadas conservando-se D. Carlos equidistante dos grandes partidos existentes no Estado, e de ambos gozando de expressiva admiração.

A renúncia do 2.º bispo de Botucatu não se prendeu a questões de ordem financeira. Foi após a sua renúncia que, pessoas interessadas, em justificá-la, ante a máguia que causou à população católica diocesana, transformaram o efeito em causa. A Santa Sé e a Nunciatura Apostólica desconheciam, por completo, a situação econômica da diocese. Tanto assim que, mesmo depois de ter aceitado a renúncia do sr. bispo de Botucatu, a Nunciatura ainda quis sustar o recebimento da missiva que levava a aceitação da mesma ao prelado resignatário. O sr. Nuncio Apostólico, em carta dirigida a D. Carlos, chegou a autorizá-lo a que permanecesse por mais 15 dias em Botucatu, afim de regularizar a situação financeira. Ademais, a Santa Sé, não tomaria tal providência, mesmo que viesse a ter ciência de que os negócios temporais não marchavam bem. Faria sentir ao bispo que mudasse de orientação. Sugeriria mesmo, que entregasse a outrem a direção econômica da Mitra. E agir de forma diferente, seria se apegar mais ao material do que ao espiritual...

E a situação da Mitra não era assustadora. Não havia insolvência. O patrimônio era considerável. O que se deu com a Mitra de Botucatu foi um colapso em sua atividade comercial, já seriamente abalada pela crise do café e agravada pela mudança brusca e repentina em sua direção. Buscando uma causa que justificasse a renúncia de D. Carlos, alegaram má administração por parte do honrado bispo. Deram o alarme. Provocaram o escândalo. Deu-se a corrida dos credores. Não tiveram, pois, o necessário sigilo, assim criando dificuldades para si próprios. O patrimônio que D. Carlos recebeu ao assumir a diocese aqui ficou, vindo o seu sucessor dispor de várias propriedades. O acervo de bens da Mitra apresentava-se bem maior do que o passivo, o qual, diga-se de passagem, mais se agravou devido a sede vacante. Durante o episcopado de D. Carlos, a Mitra nunca teve título protestado. Para evitar que tal se desse, antes de se retirar da diocese, o bispo renunciante mandou saldar um título no valor de dez contos de réis, com dinheiro que ganhara em crisma administrada em Avaré. Meses após, á sua posse, o atual bispo de Botucatu podia realizar diversos melhoramentos na residência episcopal, vindo mesmo a construir um palácio para Cúria.

A renúncia do hoje bispo de Maura prende-se a motivos outros, e não ao que alegou o sr. J. E. Macedo Soares. E esses motivos originaram-se de divergência daquele prelado quanto á orientação dada

aos Seminários. Daí é que nasceram fatos que, se preciso fôr, poderão ser trazidos a público. Mas, Deus conceda que não seja necessário chegar a tanto, pois, são bem lamentáveis, deixando estarrecidos os que deles têm conhecimento.

No que diz respeito ao pretendido re florescimento espiritual da diocese, lembre-se que esta recebeu de D. Carlos preciosa vida interior, a qual, não há dúvida, veio a se ressentir com o aspecto rumoroso dado á sua renúncia em 37. A vida de D. Carlos foi e é um exemplo vivo do Pastor amigo de suas ovelhas, primando pela sua simplicidade edificante e desapego às coisas do mundo. Considerável foi a vida religiosa imprimida á diocese por D. Carlos, culminando com a propagação da devoção á infância de Nossa Senhora, devoção essa introduzida por ele no Brasil. Todos guardam vivo na retina e no coração o esplêndido espetáculo civico-religioso da primeira romaria ao bercinho de N. S. Menina, levada a efeito nesta cidade em setembro de 37. Pelo incentivo que deu ás congregações marianas, tornou-se conhecido por “bispo mariano”.

Os que desejam macular D. Carlos com a pécha de mau administrador, procurem saber de sua atuação nos vários cargos, que exerceu no governo da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Ai está S. Eminência o sr. Cardial D. Sebastião Leme que muito poderá dizer da brilhante carreira de D. Carlos, bem como de seu trabalho na organização da Cúria Metropolitana do Rio e administração do vultoso patrimônio do Seminário do Rio Comprido.

Quando veio para Botucatu, nem escrituração mercantil encontrou D. Carlos! Soube ser Pastor. Não se enriqueceu, tudo incorporando ao patrimônio diocesano, e no amparo ás obras de caridade.

A riqueza da diocese sempre se caracterizou pelo seu patrimônio em imóveis. Ao assumir a diocese, D. Carlos recebeu, em dinheiro, somente trezentos contos de réis. E o patrimônio aqui ficou.

Ai está a verdade sobre a renúncia do 2.º bispo de Botucatu. Tudo o mais que se disser, será exploração da boa fé alheia e maneira cômoda de tentar ofuscar a magnífica repercussão cívica da atitude do bispo de Maura, na defesa da Fé, integrada nos princípios democráticos de uma Nação em perigo.

(De “O Radical”, de 6-10-1942)



Na semana da Independência Belga o General Vom Strydowck de Burckel, Inspetor geral das forças belgas, junto com o Barão de Cartier de Marchienne assistem às festas comemorativas.

Para que todo o Brasil Saiba...

Resenha dos fatos mais importantes — NOSSO COMENTÁRIO

ECOS DO TELEGRAMA DE DOM CARLOS AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Os pescadores em águas turvas, que pretendiam desvirtuar o telegrama de Dom Carlos ao Presidente da República, procurando levá-lo ao terreno pessoal, enganaram-se!

Os mistificadores da opinião pública, os "legítimos brasileiros", que vieram fazer a "América" e que pretendem igualar seu amor a este solo bendito, AO DOS BRASILEIROS NATOS, AMOR ao qual nenhum é comparável, chegando ao deslante de, em público, dizer que "não é preciso uma certidão de nascimento" para pôr em prova seu amor a esta terra, digo que o Brasil agradece essas declarações, mas continua confiando, desconfiando, tendo por legítimo brasileiro somente aquele que, nascendo no Brasil, procura dignificar com seus atos seu amor à PÁTRIA. Agradece o Brasil o amor de todos aqueles que, apaixonados pelas "VITÓRIAS ALEMÃS", ligam seu rádio possante para saber si está muito longe ainda a VITÓRIA final das forças alemãs sobre as russas, dia feliz para "esses bons brasileiros", vindos em porões de navios e, hoje, descontando cheques com facilidade em Bancos para apressar o dia em que o Pará e o Amazonas se tornariam a República Germânica do Norte do Brasil! Enganam-se! O Brasil está alerta e o Chefe da Nação, com uma penada, inutilizou todo o trabalho desses "pretensos" brasileiros! "Brasileiros de S. Paulo", como alguém os chamou em Praça Pública, que na sua Itália não passariam de "engraxates" e aqui somente aqui, ocupam posições elevadas na Comunidade Brasileira, SEDE AO MENOS BONS ITALIANOS! O Brasil agradece o vosso serviço e de agora em diante terá mais cuidado consigo mesmo. Esta terra é nossa e só nossa, e de mais ninguém!

REVELADAS AS ATIVIDADES ANTI-DEMOCRÁTICAS DE PADRES ALEMÃES NA ARGENTINA

A Comissão Investigadora das Atividades Anti-Argentinas, presidida pelo deputado Juan Ayuna Antônio Solari, divulgou um amplo informe sobre as atividades dos agentes totalitários no campo religioso.

Começa o informe referindo-se a um incidente promovido, ultimamente, por um sacerdote católico em uma sala de espetáculo público na cidade de Missões e um outro na cidade de San

Juan, acrescentando em seguida: "É do domínio público que há alguns anos se suscitou entre os crentes de diferentes seitas cristãs, sobretudo entre os católicos, uma apaixonada controvérsia entre os partidários da democracia cristã e o totalitarismo. Convém esclarecer — acrescenta — que embora se trate de casos isolados, não são poucos os sacerdotes que desenvolvem uma insistente prédica totalitária, não só na intimidade dos claustros, como também em amplos setores do catolicismo".

Mais adiante — diz o informe — que esse fato se torna mais sensível e apreciável no Território das Missões, sem que isto implique numa subestimação de tais atividades em outras zonas do país. A seguir refere-se a vários casos concretos, afirmando que existem no território onze paróquias nas quais pelo menos vinte e cinco sacerdotes são ativos propagandistas da doutrina totalitária, utilizando-se, para a divulgação de suas idéias, tanto do púlpito como da imprensa diária. Assinala que o consul alemão em Posadas, o ex-capitão Georg von Ginklemann, realiza frequentemente viagens de propaganda nazista, passando por pastor protestante. Cita ainda o caso curioso do sacerdote alemão Luiz Strass, que costuma entremear seus sermões em longas dissertações sobre suas experiências de guerra, quando comandante de um esquadrão de "tanks" durante a invasão da França. Este mesmo sacerdote afirmou certa vez que a Alemanha poderia eliminar a Inglaterra em vinte e cinco minutos, caso utilizasse os gases asfixiantes que possui.

SOCIEDADE DOS AMIGOS DE ALBERTO TORRES

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres dirigiu ao senhor Presidente da República calorosa moção apoiada nas diretrizes nacionalistas que são base de seu programa de brasilidade, de acordo com o pensamento sempre ardorosamente defendido pelo seu patrono. Tratou, nesse documento, do perigo que representa para o Brasil o sentido político-militar da colonização japonesa, que se constitui uma constante ameaça à segurança nacional.

Valem, sobretudo neste momento, as intenções e o propósito honesto de colaboração, mediante o qual sociedades como esta e mesmo o simples particular poderão levar à autoridade pública a sugestão fundamentada, sempre bem aceita, como, aliás, está no espírito do regime. Não vemos, pois, dentro deste princípio, como deixar sem uma palavra de aplauso a iniciativa daquela agremiação de homens de pensamento que, agrupados em torno da memória do grande sociólogo, timbram em defender as idéias que ele sustentou e defendeu.

A imigração japonesa sempre foi danosa aos nossos interesses. Miguel Couto, o grande médico, que pouco interferiu em política, chamado ao Parlamento pelo mandato popular, bateu-se com convicção contra o perigo nipônico. Hoje, esse perigo



A Sra. Darcy Vargas, na Associação Comercial, enaltece a Legião Brasileira de Assistência.

assume ainda maior vulto. Ninguém pode desconhecer, de boa fé, o imperialismo japonês, com suas artimanhas e trações, com sua paciente mas segura infiltração, com a instalação de seus quistos em pontos estratégicos.

(De "A Notícia", de 21-10-1942)

CONTRA A INFILTRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres enviou ao Senhor Presidente da República a seguinte moção:

"Exmo. Sr. Presidente. Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, prosseguindo nas diretrizes nacionalistas que se traçou desde a sua fundação, acorde com as doutrinas de alto sentido de brasilidade do seu patrono, acaba de aprovar a seguinte moção dirigida a V. Ex. na qualidade de Chefe da Nação:

"A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, pelos estudos e conhecimentos que tem do sentido político-militar da colonização japonesa, há já muitos anos tendo concluído pela inconveniência nacionalista e pelo perigo daquela imigração em face da própria segurança do Brasil e da América, vem respeitosamente, num ato de colaboração ativa, sugerir a V. Ex. o que se segue, com vistas aos milhares de soldados nipônicos espalhados estrategicamente, por todo o território nacional, visando o Brasil, no Atlântico Sul, o Canal do Panamá, no Mar das Caralbas e o Estreito de Magalhães, no extremo sul do continente.

1.º — Que seja proibida a pesca, em águas brasileiras, sob quaisquer modalidades, aos nipônicos, mesmo, naturalizados brasileiros, bem como aos seus descendentes, enquanto durar o estado de guerra entre o Brasil e as nações do Eixo.

Considerando-se os nossos pescadores uma natural e preciosa reserva das nossas forças armadas, não parece razoável consentir que, em certas partes do nosso litoral, continuem eles sendo uma força de vanguarda do Exército nipônico localizado,

especialmente, em São Paulo e ao principal fôco marítimo de espionagem das nações em guerra com o Brasil.

2.º — Que sejam os japoneses imediatamente afastados das suas colônias agro-militares premilitada e sistematicamente localizadas na orla marítima, nas bacias dos nossos rios, nas margens das estradas de ferro e das nossas grandes rodovias de penetração, principalmente, as Rio-Petropolis, Rio-São Paulo, Rio-Belo Horizonte, São Paulo-Rio Grande, São Paulo Corumbá, São Paulo-Tocantins, bem como perto de estabelecimentos industriais e militares, de importância estratégica ou visando a defesa nacional.

3.º — Que cada Estado da União, onde mais intensa ou mais estrategicamente se realizou aquela indesejável colonização, como sejam — São Paulo, Amazonas, Pará, Paraná, Minas, Mato Grosso e Goiás — a maneira do que se fôs nos Estados Unidos e no México e após realizar o censo, localização e consequente rigorosa vigilância desses elementos, inequivocamente, os mais perigosos dos nossos imigrantes, proceda à construção de núcleos rurais para a sua concentração imediata, sob guarda militar, como uma medida visando a defesa do país e para a prevenção de surpresas monstruosas, como a que se verificou a 7 de Dezembro de 1941, com os Estados Unidos, em Pearl-Harbour.

4.º — Finalmente, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres se permite afirmar a V. Ex. e à nação que sua atitude de hoje em relação a imigração japonesa no Brasil como em toda a América, é a mesma de há dez anos passados, desde quando a vem combatendo com todas as forças de que é capaz, porque, sempre reconheceu nela um permanente Estado de Guerra de conquista do governo do Japão imperialista contra os povos pacíficos e de boa fé dos países deste hemisfério.



Embaixador Chileno, Sr. Gonzalez Vilela, chega ao Rio de Janeiro.

E peço licença para acrescentar a V. Ex. que os fatos atuais, que o mundo assiste estupefato, Sr. Presidente, e que tem como objetivos principais, para o Japão, a Austrália e a América do Sul, são a confirmação plena das razões que, sempre assistiram a esta Sociedade, em sua campanha sem tréguas contra a imigração japonesa e a sem-razão dos poucos brasileiros que, ainda hoje a defendem, num ato de lesa-patriotismo, sinão mesmo de, traição ao Brasil.

Respeitosas saudações. — Dr. Xavier Oliveira, Presidente. — João M. F. de Andrade, Secretário geral".



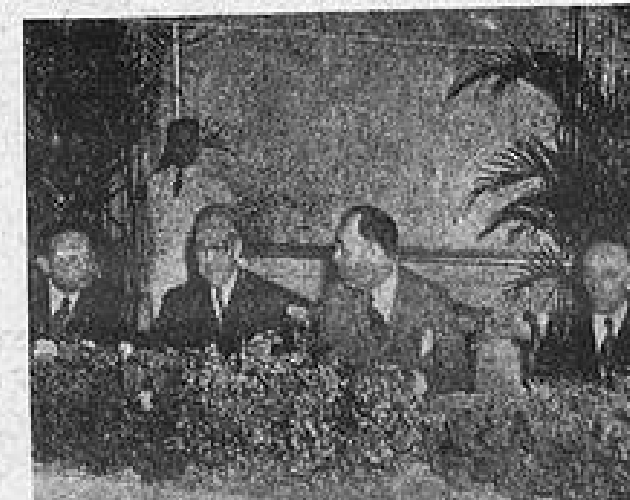
O Brigadeiro Robert L. Wash recebe as insígnias de Grande Oficial da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.



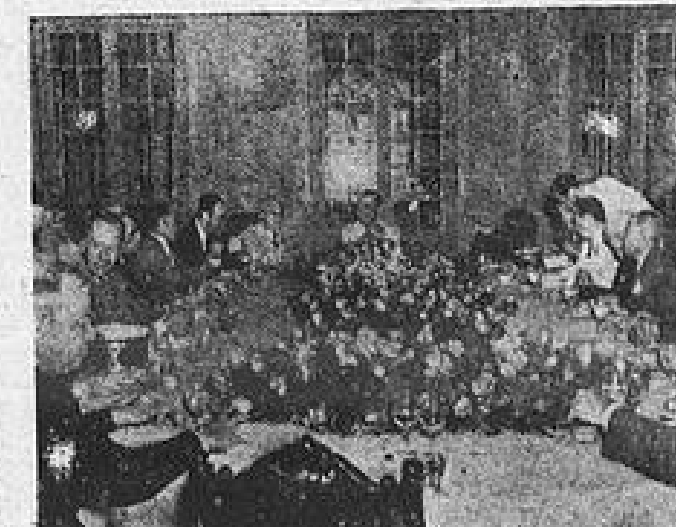
Aspecto tomado no Catete durante a entrega das credenciais do embaixador da Argentina, Sr. Adrian Escobar, ao Presidente Getúlio Vargas.



Instalação oficial da Legião Brasileira de assistência no Teatro Municipal.



Banquete oferecido ao Ministro Parra Perez.



A "U. Press" homenageia, pelo Sr. Janes Furay, a Associação Brasileira de Imprensa.



O Ministro Parra Perez em visita ao Galeão, em companhia do Ministro da Aeronáutica.

NACIONALIZAÇÃO DO CLERO

Estou chegando da cidade, onde fora corrigir provas do "Mensagemiro". Saltando do bonde, tiro o relógio e vejo que são 11.10. E' cedo. Entro na casa da filha de Alencastro Graça, que há três meses atrás perdera sua querida mamãe, de quem não somente fora enfermeira na longa enfermidade, mas um anjo de bondade. Nesses momentos difíceis da despedida, seu marido pediu-me tomasse conta daquela que estava passando pelo que eu havia passado na tão pouco tempo, perdendo minha mãe.

— Um abraço, Monsenhor, e minhas calorosas felicitações, e também do meu marido, pelo seu telegrama ao Presidente Getúlio Vargas. Gostei do seu patriotismo. Todos os padres deveriam querer bem ao nosso Brasil, como Monsenhor demonstrou com esse seu gesto.

— Muito obrigado, minha filha, na realidade, procurei com esse telegrama salvar muitas vidas dos nossos patrícios.

— Olhe, Monsenhor, eu estive há bem pouco tempo em Vargem Alegre e é Vigário lá um padre alemão, que nos seus sermões aconselha os moços a não se apresentarem, quando convocados pelas autoridades militares para servir à Pátria. Diz ele abertamente que é tolice nossa atender ao chamado do governo, pois Hitler muito breve tomará conta do Brasil. Tinha ele seu aparelho de rádio transmissor dentro da sua malinha e andava impunemente traindo as ovelhas, que o Senhor lhe dera para apascentar.

Qual o castigo desse traidor? Está preso em casa, sob palavra.

— Pergunto eu que valor tem a palavra desse lobo? Igual à do HITLER, na Concordata com a S. Sé!...

Chego em casa para almoçar e encontro Cordelia Sales de Toledo, sobrinha do ex-presidente da República, Dr. Campos Sales. O que é isto? Estou com um caso difícil para resolver e vim pedir o seu auxílio. Telefonei para o Dr. Hamilton Moreira, meu grande amigo e mais do que isso, considerando-o, como o considero como verdadeiro filho. Depois de Deus, devo a ele o restabelecimento de minha mãe, quando adoecera, em Outubro de 1940. Encaminhe essa moça com essa menina para onde o caso exige, disse-lhe eu.



O Sr. Tupy Caldas quando transmitia o cargo ao novo diretor da Recebedoria das Rendas, Sr. Erico Campos.



Banquete oferecido ao Snr. Knox, Sub-Secretário da Marinha dos Estados Unidos, no Palácio Itaboraí (Petrópolis) pelo casal Amaral Peixoto.



O Ministro Oswaldo Aranha recebe a "Grã Cruz da Ordem de Carlos Manuel de Cespedes", de Cuba.



Madame Diógenes Magalhães, uma das chefes dos setores da "Campanha do alumínio", patrocinada pelo "Correio da Noite".

Minha filha, é hora do almoço. Você deve estar muito nervosa, coma alguma coisa e depois leve essa menina à Casa de Saúde N. S. de Lourdes, onde o Dr. Hamilton Moreira a espera.

Na mesa, ela me conta:

— Estive, ontem, com o Padre Pedro Kok, lá no Largo do Machado. Ele perguntou-me:

— O seu Diretor espiritual é um tal Bispo de Maura?

— E, sim.

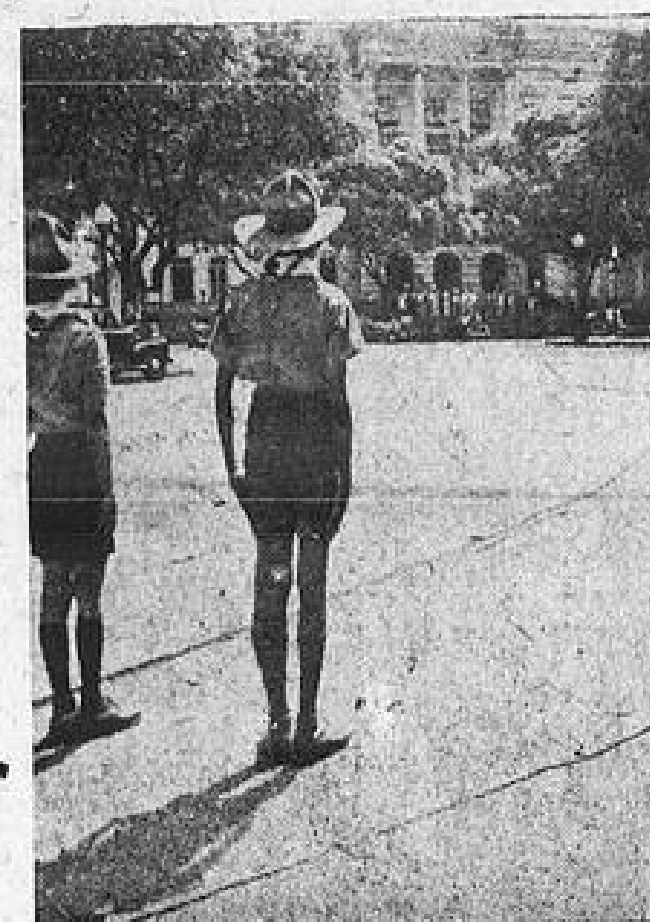
— Pois, ele é um doido!

— Não me consta isso, Sr. Padre Pedro. Eu o conheço há tantos anos!

— Sabe que isso vai provocar um cisma? A fundação da Igreja Brasileira!...

— Cisma! Que horror! Procure conhecer o Sr. Dom Carlos e o Sr. mudará de opinião.

Na verdade, é isso que os padres estão colocando na cabeça dos beatos e beatas, servindo-se



Instantâneo do 1.º exercício feito nesta Capital contra ataques aéreos, com excelente resultado.



O coronel Frank Knox, depositando uma coroa de flores no pedestal da estátua do almirante Barroso.



Exmo. Sr. Parras Perez, Chanceler da Venezuela, ao sair do Aéreo Porto, em companhia do Ministro Oswaldo Aranha.

do confessorário, das práticas, das conversas, das críticas e etc. Como são intrigantes! Como amam a Deus e a religião! Que abuso de coisas tão santas, como são o confessorário, o púlpito, a homilia dominical! Isso não é nada! A baixaza foi tanta, que o Monsenhor Gomes, Vigário de S. Cristóvão, em plena sacristia, chamou o Bispo de Maura de "burro". Que belo exemplo para o seu povo! Como pode esse padre ser respeitado por crianças e moças? E essas beatas não sabem metade da história! Si soubessem como foi e é combatida a devoção de Nossa Senhora Menina, porque propagada por Dom Carlos! E as indiretas de Monsenhor Henrique Magalhães no Rádio?!

Demos a palavra ainda ao Padre Pedro Kok:

— Tudo isso que está fazendo esse Bispo não passa de despeito. Ele odeia o atual Bispo de Botucatu, italiano.

— Sr. Padre Pedro, não me consta nada disso.

— Esse Bispo arruinou as finanças da Diocese de Botucatu — continuou o Padre Pedro Kok, em conversa com a moça, muito conhecida em toda a Diocese de Botucatu, ex-religiosa da Congregação das Missionárias de S. Teresinha, extinta pelo atual Bispo de Botucatu, em combinação ou a mando do Nuncio Apostólico. Essa moça foi vítima de um despacho do Bispo de Botucatu, que nada faz sem antes ouvir o Nuncio Apostólico, proibido pelo Direito Canônico de se envolver em assuntos do governo diocesano.

O Padre Pedro Kok, si quiser ficar sabendo a verdade do que se passou nas finanças da Diocese de Botucatu, leia o que escreve neste mesmo número do "Mensagemiro" o meu afilhado, Dr. Nelson Franklin de Mattos, que reside em Botucatu e conhece bem a história, e quem seja o "virtuosissimo" Bispo de Botucatu.

Quando um Bispo toma posse de uma Diocese, costuma dirigir uma Carta Pastoral, saudando os seus diocesanos. Entra ele na Diocese

e, aconselhado por Dom Duarte Leopoldo e Silva, não faz a mínima referência aos trabalhos apostólicos do segundo Bispo. E é Dom Carlos quem odeia!...

Demos ainda a palavra ao Padre Pedro Kok:

— Dias antes da morte do Sr. Cardial, eu estive em Palácio e pedi uma colocação a um dos Padres da corte, tendo como resposta que primeiro deviam ser colocados os nossos.

Está certo, em toda parte é isso mesmo. Diga o Padre Pedro, si não é assim na sua Holanda.

Morre o Sr. Cardial e o Padre Pedro vai à Cúria:

— Onde está a lista do Bispo de Maura? pergunta Monsenhor Rosalvo ao Padre Pedro.

O Padre fica tonto, não sabe o que responder.

— Desculpe-me, Sr. Padre, não sei onde estou com a cabeça.

— Monsenhor, eu venho lhe pedir uma colocação.

— Acho bom o Sr. se arranjar-lá por Caratinga. Compreende o momento que passamos. Não é que tenha medo dele; não, não tenho medo!

— A mim nada consta sobre atividades nocivas do Padre Pedro Kok. E' um bom velho, inofensivo, está doente. A caridade cristã manda que a Autoridade proporcione os meios, para que possa viver decentemente e não lhe falem recursos para se tratar.

A nacionalização do clero virá, mais depressa do que se pensa, cooperando para esse fim o GOVERNO BRASILEIRO.

A Igreja é divina, dirigida, porém, por homens cheios de paixão, humanas as suas formas e roupagens.

Os padres estrangeiros podem viver tranquilos, uma vez que cuidem exclusivamente do bem das almas, mesmo porque os padres brasileiros não se imiscuem, fora do país, na política da Nação que os hospeda.

Espero que os que estão em perfeito juízo dêem prova disso!...

A Conspiração Universal contra as Consciências

(De uma série de 4 que sairá neste jornal, em dias sucessivos)

(Para os "D. A.")

— I —

Bastantes vezes já tenho escrito que, si a obediência podia fechar a boca dum católico, jamais seria capaz de a abrir para fazê-la proferir mentiras.

Hão de se recordar por certo, que em meu último artigo, me acautelava em não tomar partido a respeito dum caso estritamente brasileiro, e esse escrúpulo há de, sem dúvida, parecer perfeitamente compreensível por parte dum estrangeiro como eu; não deve, entretanto, essa minha atitude chegar ao ponto de me constranger a falar por enigmas ao público que dá a honra de me ler. Julgo-me por isso forçado a precisar que o duplo fato que hoje me inspira algumas reflexões de alcance geral, é a mensagem dum bispo brasileiro, comentada severamente pelo sr. Costa Rego.

Com vistas aos leitores de má fé, eu repito que a iniciativa do sr. bispo de Maura, e as reações que ela vem suscitando neste país, não são de maneira alguma de minha conta. Quando me acontece fazer alusões às desgraças da cristandade, eu penso é nas provações comuns a todos os cristãos, isto é — já que eu tenho por hábito chamar as coisas por seu próprio nome — na desordem universal das consciências. É verdade que há já três anos que resido no Brasil, mas nem por isso teria certamente eu a pretensão de emitir um juízo sobre a cristandade brasileira, quando, mesmo na América do Sul — aqui e em outras partes — milhares de padres ou de leigos, fascistas e falangistas, não se embarçam em julgar a nossa, mesmo não tendo nunca posto o pé em nossa terra. Mas si fora de minha pátria, não me julgo com direito de dar lições a quem quer que seja, contudo não é interdito a um francês comunicar a outros suas experiências próprias: — aproveite quem quiser —. Pois bem, é em nome dessas experiências dolorosas que tomo a liberdade de pôr as pessoas honestas em guarda contra a espécie de chantage exercida sobre elementos dentre os mais sinceros, infelizmente, porém, também os mais simplórios, que integram a opinião católica, por outros elementos talvez não menos sinceros, — Deus é quem sabe — mas, com toda a certeza muito mais espertos. Não perderemos nosso tempo em deplorar que haja cristãos fascistas, falangistas ou até nazistas. O que não podemos suportar é que tais homens que nunca hesitaram, — na Itália, na Espanha, em França e em outras partes —, em manifestar sua simpatia por um Realismo, que a si próprio se proclama como sem escrúpulos na escolha dos meios, preevendiam impor ao resto dos cristãos, no que diz respeito a negócios deste mundo, um desapego sobrenatural, no que estão, entretanto, muito longe de dar exemplo. Quando acontece que seus amigos encarceram, fuzilam ou esterilizam, de forma alguma exprobrariam eles a esses endiabrados por comprometerem a Igreja; mas si porventura exprimimos o desejo de controlar suas próprias atividades, logo amotinam contra nós os simplórios de que falava há pouco, acusam-nos de intrometer política na religião, e de calcar aos pés seus prestígios e privilégios. Em suma, reclamam para os fascistas o direito de se utilizarem dos meios humanos, mas põem a boca no mundo gritando por escândalo logo que pretendemos nos defender por outros meios, que não sejam o jejum, a oração e abstinência. Que tal gente tenha conseguido, de alguns anos para cá, graças ao sinismo e à violência das propagandas totalitárias, como também à pusilanimidade das Democracias,

Georges BERNANOS

uma tão grande influência sobre a Igreja, eis aí um fato cuja importância não temos o direito de desconhecer. Compreendemos muito bem que a Autoridade legítima se encontre parcialmente desarmada em face de homens intrigantes, exaltados, que sabem muito bem que se não pode atingi-los sem escândalo, isto é, sem correr o risco de ferir perigosamente consciências ignorantes ou iludidas. Para ela é essa uma situação trágica, análoga à do oficial, que hesita em atirar sobre uma coluna alemã porque esta faz marchar à sua frente inocentes civis. Mas si o escândalo é inevitável, o fato da retardá-lo por muito tempo só servirá para o agravar. Prouvesse a Deus que outrora em nossa terra se tivesse adotado medidas, com as quais os fascistas e seus cúmplices houvessem fingido se indignar, mas que tivessem poupado à Igreja de minha Pátria as provações que a esperam quando, numa França raurada, for ela considerada suspeita por milhões de patriotas, e como que estrangeiro à nossa Vitória.

Porque, — mais uma vez o digo — é preciso afinal que nosso fulminante desastre sirva de exemplo para o mundo, que o mundo se decida a compreender essa lição. Quando, há dez anos, denunciávamos o perigo de influências espirituais póstas ao serviço duma espécie de mistica do Derrotismo, dum derrotismo feito de resignação e de expiação, mais tarde explorado contra a França, pelos Tartufos de Vichy, certos impostores da Imprensa religiosa francesa, vendidos a Mussolini, acusavam-nos de estar invadindo o terreno dos direitos da Autoridade legítima, e declaravam solenemente que somente a ela atribuíam o cuidado dos inquiridos e das sanções. Declarações edificantes dessa ordem, não corriam risco algum. Aqueles que as formulavam conheciam melhor que ninguém a pressão exercida por seus cúmplices em todos os setores da opinião católica. Sobre que se poderia apoiar a autoridade legítima para lhe resistir? Certamente que não será sobre essas massas católicas meãs, conservadas entretidas numa espécie de isolacionismo espiritual, mais pífido ainda do que o antigo isolacionismo prático dos senadores de Washington, para quem a obediência serve de pretexto para evitar de julgar e de pensar por si mesmo. É verdade que a pressão denunciada outrora por nós pode parecer hoje menos insolente, todavia, as massas católicas, sobrecarregadas de "diretivas" e deixadas praticamente sem uma senha, parecem mais influenciáveis do que nunca. Não constitui porventura verdadeira decisão o fato de provocar a Autoridade a tomar medidas, cujo sentido seria tão fácil aos agentes fascistas falsear, junto duma opinião que ontem ainda simpatizava com todas as formas do ideal totalitário — fascismo, falangismo, integralismo? Não existe então mais perfídia do que solicitude verdadeira, quando se pretende impôr à Autoridade, cujo caráter é de ser indulgente e paternal, responsabilidades que incumbem logicamente à polícia do Estado? Em negócios atinentes ao dogma e à disciplina, é natural que os chefes espirituais denunciem e sancionem: o fascismo, porém, ainda não esgotou a paciência — para com ele inesgotável — dos censores, outrora tão severos para com o sr. Murras. Longe de ter partilhado do destino da Ação Francesa, é a própria Ação Francesa que vemos agora servindo de pilastre para a Nova Ordem francesa, abençoada pelo Episcopado. Quando os Peritos e os Casuistas chegarem a se pôr de acôrdo sobre as distinções necessárias entre o "uso legítimo" e o "abuso", a guerra estará há muito ganha ou

(Continúa na pág. 21).

De um mês a outro

Resenha da guerra e dos acontecimentos internacionais

ESTADOS UNIDOS

PROGRAMA DE AMIZADE

Foi acontecimento sem precedentes nos anais das nações americanas, a dupla cerimônia realizada pelo corpo de alunos da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, e da Academia Militar de West Point, nos Estados Unidos, no dia 28 de Maio, por ocasião da transmissão de saudações mútuas, através do rádio. A 18 de Junho, as saudações verificaram-se entre os aspirantes da Escola Naval brasileira e da Escola Naval norte-americana. Na cerimônia dos alunos militares, foi executado o hino nacional do Brasil e dos Estados Unidos, e na dos aspirantes de marinha, foi entoada a canção predileta de cada uma das escolas.

O programa das escolas militares foi iniciado pela Academia de West Point. Seu diretor, general Francis Wilby, expressou as saudações que foram transmitidas pelo rádio, em inglês e português, à Escola do Realengo e às 89 estações no território brasileiro. O coronel Alcio Souto, comandante da escola brasileira, respondeu agradecendo, e um cadete brasileiro dirigiu em inglês uma saudação aos cadetes de West Point que, reunidos no Column Hall, enviaram, por sua vez um "hurrah" aos seus companheiros de armas do Brasil.

A cerimônia dos aspirantes de marinha brasileiros realizou-se no Palácio Tiradentes, onde tiveram eles oportunidade de ouvir os seus colegas de Anápolis. O almirante Lemos Basto, em seguida falou em nome da escola sob sua direção, e o almirante John Beardall expressou os sentimentos dos aspirantes norte-americanos. A Mutual-Broadcasting System fez a rádio transmissão às suas 202 estações nos Estados Unidos.

O fato mereceu apreciações da imprensa brasileira como sendo "viva e palpitante expressão da solidariedade e simpatia que unem o Brasil e os Estados Unidos".

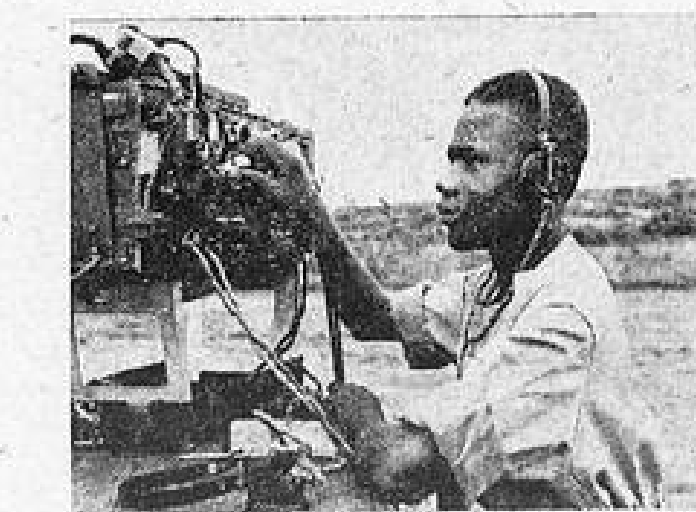
A cerimônia do Realengo teve significação especial por ter sido realizada na véspera da mudança da escola para a sua nova e magnífica sede em Rezende.



O coronel Frank Knox, secretário da Marinha dos Estados Unidos, acompanhado de toda a sua comitiva, esteve no Palácio Guanabara, em visita ao Presidente Getúlio Vargas. Vemos acima um flagrante dessa visita.



Nos campos de instruções, motocicletas equipadas por forças de assalto da polícia especializada e infantaria recebem instruções para o aniquilamento dos facinorosos nazi-fascistas.



Um operador da Real Força Africana recebe e transmite ordens militares nas operações, desenvolvidas pelo glorioso 8.º Exército de S. M. no ataque às forças nazi-fascistas sob o comando de Romel que dentro de pouco serão expulsas da África para bem da humanidade e felicidade dos povos.

Da antiga Escola Preparatória Tática e Prática do Realengo, onde iniciaram sua carreira tantos oficiais ilustres do exército, a escola modelo de Rezende, há um grande progresso no ensino da ciência militar no Brasil. A inauguração desse moderno estabelecimento que, em muitos aspectos é o melhor aparelhado não somente nas Américas como no mundo inteiro, vem coincidir com a situação de extraordinário destaque em que a guerra colocou o Brasil, como nação forçada pelas circunstâncias, a tornar-se verdadeiramente potência militar.

A riqueza de seu sítio, a unidade de seu povo e a clarividência de seus estadistas conjugam-se neste momento para transformar as potencialidades do maior país da América em um dos maiores baluartes da defesa do continente.

Neste momento histórico para os brasileiros, não-de ocorrer-lhes interessantes reminiscências dos primeiros tempos da formação de sua pátria, através de fatos que, como agora, se ligavam tão intimamente a acontecimentos que se desenvolviam na França, em cujas côrtes de demarcava a partilha do mundo.

O transcorrer de séculos não veio abater em nada para o Brasil os perigos resultantes da sua privilegiada posição geográfica. Os mesmos risos de invasão e domínio que agitaram a vida da colônia, por décadas inteiras, e que tanto se assinalaram pelas lutas tremendas ao longo da sua costa ao norte, reaparecem atualmente como uma ameaça não somente para a nação, como para o hemisfério.

O rápido e intervel desenvolvimento alcançado pela aviação nestes derradeiros anos, dá a essa ameaça todas as cores de um realismo que não escapa à percepção dos brasileiros.

Voltam assim suas vistas para essas mesmas plagas históricas do norte, onde agora, como no passado, não deverá o invasor encontrar abrigo para suas ambições.

O ritmo de progresso que tem caracterizado a última década brasileira sincroniza-se com a excelente oportunidade que o presente lhe assegura para o futuro. Esse progresso, portanto, é marcadamente a consequência de um esforço para colocar o país e



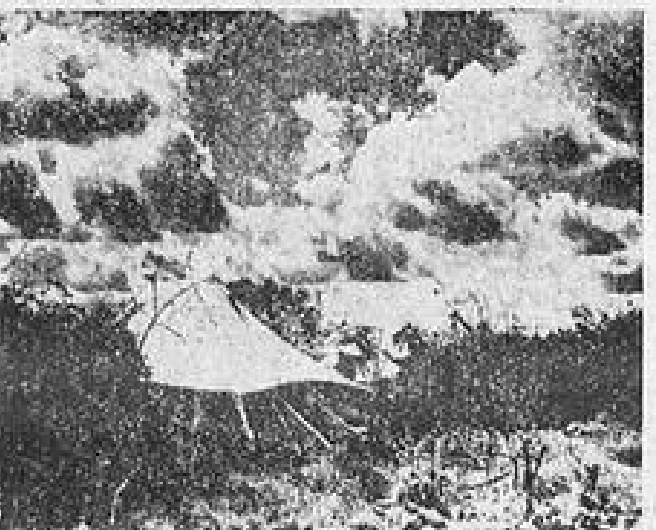
200 "Spitfires" bombardeiam posições estratégicas na França ocupada.



Exercício de tiro na Escola Divisinal do Comando do Oeste.



O capitão C. Whittle, e Rowald, O. B. E., visitando um aeródromo.



Um bombardeiro volta ao campo de aterrizagem na África, depois de um raid.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

seu povo nos justos níveis das conquistas do trabalho como finalidade da sua própria existência. É esse um diligente esforço que só poderá realizar-se em ambiente de paz e concordia e de absoluta consagração universal ao respeito devido às obrigações internacionais. Tudo quanto vier perturbar esse princípio, e manifestar-se para a nação mesmo em simples forma de ameaça, há-de encontrá-la preparada para determinar o seu curso de ação.

Ao preparar-se militarmente, o Brasil, como outras nações, procura garantir-se contra qualquer solução de continuidade ao seu progresso, armando-se, portanto, de conformidade com as contingências do presente.

ECONOMIA DE GUERRA

A economia de guerra — controle oficial sobre todos os bens que constituem as utilidades de um povo, está fazendo sentir-se nos Estados Unidos, nos lares de seus 133.000.000 de habitantes. A necessidade, como fenômeno econômico, resume-se agora na conjugação do esforço total para um objetivo supremo — a vitória.

Artigos com os quais tanto já se havia familiarizado o público norte-americano — como automóveis, máquinas de lavar roupa, rádios, produtos alimentícios enlatados, pianos e carrinhos de crianças — estão desaparecendo do mercado, ou estão com sua produção ou venda rigorosamente reduzidas, a-fim de permitir completo impulso ao esforço da guerra total, cujo orçamento atinge a soma colossal de 200 bilhões de dólares.

A nação decreta a fusão da totalidade de seus recursos e o banimento geral de lúxos e frivolidades; estabelece, cada vez mais imperiosamente, a regulamentação de preços, salários, aluguéis e lucros, estendendo-se também à utilização de matérias primas e produtos manufaturados. Os preços acham-se "congelados" em determinados máximos e a produção de guerra, protegida por um rigoroso sistema de prioridades, tem absoluta preferência.

A vida nos Estados Unidos, em tempo de paz, estava intimamente ligada ao automóvel. O prodigioso desenvolvimento da manufatura desse veículo, tornando-o meio de transporte barato e acessível a todos, facilitou enormemente a disseminação da população do país.

De repente, o rompimento das hostilidades no Pacífico-sul cortou a

maior parte das fontes de borracha do país. As crescentes necessidades de transportes marítimos e terrestres agravada pelas depredações dos submarinos, veio forçar o racionamento da gasolina e da borracha.

Com o número de automóveis cada vez mais em declínio em todas as rodovias, e as vias-férreas com o tráfego a atingir os limites da sua capacidade, em face do transporte de material bélico, o serviço de passageiros está sendo grandemente reduzido. É possível que o racionamento atinja também esse serviço, futuramente. As linhas aéreas da nação já foram absorvidas pelo exército, sob o regime de prioridade, a-fim de evitar toda delonga possível na movimentação de pessoal militar.

Os norte-americanos, tradicionalmente o povo que mais viaja, está, portanto, tendo seriamente limitada a sua liberdade de locomoção.

Centenas de artigos manufaturados como os quais já se achava o público consumidor inteiramente familiarizado, estão a escassear nas lojas e armazéns, porque os Estados Unidos de há muito que desistiram da idéia de ser possível acomodar a produção de guerra com a produção industrial de tempos normais. O povo já sabe que há lugar apenas para a produção bélica — para as armas que garantirão a vitória — e que a manufatura de artigos civis terá de ser reduzida ao mínimo.

Era inevitável a repercussão por todo o hemisfério, da conversão generalizada da indústria dos Estados Unidos para os trabalhos de guerra, por isso que todos os países das Américas são interdependentes. Ordens limitando, reduzindo ou suspendendo a produção de considerável número de artigos de consumo, a limitação de preços referentes a artigos de exportação, a distribuição de praça nos navios, de maneira a assegurar o transporte de cargas vitais de matérias primas — tudo isso tem seus efeitos sentidos na economia das outras Repúblicas Americanas.

Uma nação em guerra não somente tem de enfiar sistematicamente todos os recursos de suas matérias primas e a capacidade produtiva indispensável aos fins da produção total de armamentos; mas também vê-se na contingência de providenciar com medidas de longo alcance, para apoiar firmemente a sua própria economia contra pressões e impressões da guerra — contra o espectro da infla-

ção dos valores, que encerra em si perigos tão sérios quantos o da derrota numa batalha.

O encarecimento do custo da vida está sendo controlado pela fixação dos preços de quase todas as mercadorias, numa escala baseada nos preços máximos verificados em Março deste ano. Esta medida aplica-se aos mercados atacadistas e varejista, e aos aluguéis em todas as áreas circunvizinhas das indústrias de guerra. A limitação dos aluguéis atingem 323 áreas, abrangendo cerca de 86 milhões de habitantes, ou sejam quase dois terços das famílias da nação.

O Presidente Roosevelt já declarou achar-se convencido de que, por meio do controle do custo da vida, os salários "podem e devem" manter-se nos níveis atuais.

"A verdade simples, afirmou o Presidente, é que todos nos Estados Unidos serão afetados por este programa. Alguns o serão diretamente, através de uma ou duas dessas medidas restritivas, mas todos serão afetados indiretamente por todas elas.

"Entretanto quando ao fim desta luta, tivermos salvo a nossa maneira livre de viver, veremos que não se fez nenhum sacrifício".

A MEDICINA NAS AMÉRICAS

Infenso por natureza à vida livre e, por conseguinte, incapaz de compreender a liberdade do pensamento, o nazismo tudo tem feito contra respeitáveis e seculares instituições científicas do Velho Mundo, de fama universal. Para os déspotas, é crime investigar-se a lucidez da verdade, na conquista de conhecimentos capazes de alçar a espécie humana a melhores condições de vida.

Universidades, centros de pesquisas, clínicas e hospitais de metrópoles como Viena, Berlim, Paris, Varsóvia e Oslo, foram extintos. Não mais podem eles abrigar em seu seio o gênio realizador de espíritos livres e privilegiados.

A onda de barbarismo medievo que caracterizou o "renascimento" da chamada superioridade mental nazista, mesmo antes de romper a guerra, em 1939, já havia vitimado uma pléiade de cientistas famosos pela sua inestimável contribuição à cultura mundial. Alguns pereceram em campos de concentração; outros, mais afortunados, conseguiram escapar para terras do Novo Mundo, onde têm eles enriquecido os mananciais da cultura científica das nações americanas.

Prossegue, assim, a pesquisa científica de verdade, incessantemente, como um fator indispensável à vida das Américas, em evidente contraste com a ação dos dominadores do Eixo; estes têm feito da ciência e da cultura européia simples escravas de suas ambições, em seus designios de produzir uma "raça superior" capaz de exterminar os demais povos da terra.

Os grandes mestres da ciência nas nações do novo continente, trabalhando numa atmosfera de completa liberdade, sabem que agora, mais do que nunca, lhes cabe um sagrado dever — o dever de manter ativa a chama de verdade, a-fim de poderem assumir a direção na tarefa de moldar uma vida melhor, do caos produzido pela guerra.

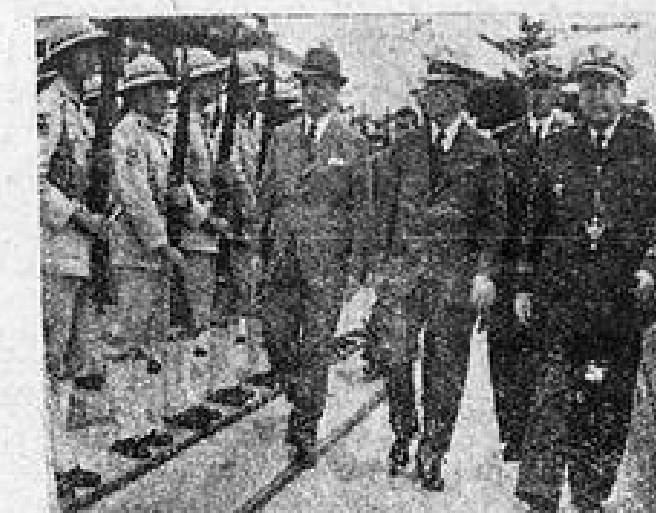
Foi, portanto, bastante expressiva a reunião de cerca de cinquenta sociedades médicas das outras repúblicas deste hemisfério, e que em Atlantic City, em Nova Jersey, constituíram uma das maiores assembleias de cientistas do Novo Mundo, por ocasião da nonagésima-terceira convenção anual da American Medical Association, realizada de 8 a 12 de Junho último. Verificou-se então que os laços que ligam as 21 repúblicas representadas na convenção, não se referem apenas ao aspecto político-econômico, porque a ciência e a cultura do nosso hemisfério passam a entrar em nova e promissora era de cooperação mútua. O bem-estar humano, não a destruição da humanidade, foi a nota predominante nos trabalhos.

Coube ao Dr. Alberto Hurtado, do Perú, eminente autoridade em fisiologia e patologia das grandes altitudes, preferir o discurso oficial de abertura da convenção. Dentre outros que se distinguiram na participação dos trabalhos da sessão inaugural, destacam-se o Dr. Inácio Chaves, proeminente cardiologista, do México, e Dr. Enrique Koppisch, de Porto Rico, autoridade em quistosomíase.

Foi igualmente de grande interesse a contribuição dos especialistas de clínica médica, durante as sessões devotadas ao assunto. O Dr. Francisco de P. Miranda, delegado mexicano, apresentou um trabalho sobre perturbações da insuficiência do ovário, e o Dr. Alejandro Lipschutz, do Chile, dissertou sobre fibroides experimentais e a ação antifibromatogênica dos ormonos esteroides. Os efeitos dos sulfonamídeos nos olhos, foi matéria de um trabalho apresentado pelo Dr. Moacyr E. Alvaro, professor de oftalmologia da Escola de



O Comandante Wilfrid John Wentworth Woods antigo comandante do submarino Triumph.



Aspecto da visita do coronel Frank Knox, secretário da Marinha dos Estados Unidos à base do Galeão.



Instantâneo tirado no interior da importante fábrica de aviões "Lockhead Hudson", vendo-se o patriótico trabalho dos operários na construção dos afamados bombardeiros.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Medicina de São Paulo, Brasil; e o Dr. R. David de Sanson, do Rio de Janeiro, contribuiu com um estudo sobre um caso acidental de abscesso cerebral.

Outros clínicos proeminentes que apresentaram importantes trabalhos às sessões de especialidades, foram os Drs. Inácio Chavez e B. Sepulveda, do México; V. Pardo Castelo, Raimundo de Castro e Francisco R. Tiant, de Cuba; Jorge Cavelier, da Colômbia; Alberto Hurtado, do Peru, e Olimpio da Fonseca, do Brasil.

As demais Repúblicas Americanas fizeram-se representar com grande brilhantismo na parte referente à coleção de mostruários científicos, os quais mereceram recomendação especial da comissão de prêmios da Associação. Um mostruário de epidemiologia de febre dos trópicos, preparado pelos Drs. John. Bugher e Manuel Roca-Garcia da seção de estudos especiais do Departamento Nacional de Saúde Pública, de Bogotá, foi distinguido com o prêmio Medalha de Ouro, pela sua "excelente apresentação e correlação de fatos". Moléstias crônicas nas montanhas, foi outro trabalho, apresentado pelo Dr. Carlos Monge e vários colegas, da Faculdade de Medicina e Instituto Nacional de Biologia Andina, do Peru, e que mereceu o certificado de mérito, juntamente com outros mostruários de investigações pessoais, todos bastante apreciados pela sua originalidade e magnífica apresentação.

O Bureau Sanitário Panamericano, de Washington, que tanto tem contribuído para ainda maior divulgação de trabalhos médicos no continente, destacou-se igualmente com excelente mostruário de interessante documentação atentando vários aspectos do trabalho de pioneiros da ciência médica nas nações do continente. Verifica-se, por exemplo, que Buenos Aires e Montevideo tiveram os primeiros institutos de bacteriologia nas Américas, e que Caracas foi o primeiro centro a estabelecer a cadeira de bacteriologia. O Brasil distingue-se por ter sido o primeiro país, neste hemisfério, a fundar, em 1900, o Instituto Nacional de Tuberculose, cabendo à Argentina, em 1923, a criação do primeiro Instituto Nacional de Pesquisas sobre o Câncer. O primeiro jornal a dedicar-se aos problemas da medicina tropical apareceu em Cuba, em 1900, fundado por Guiteras, sendo o segundo no mundo. Ao México coube a primazia da publicação de li-



Exercício de tiro num campo das reais forças na África.

vros de matéria médica, em 1570. Nos demais países, existem atualmente mais de 900 jornais e publicações sobre medicina e saúde pública, abrangendo todos os campos de atividade.

A Academia de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 1829, é a mais antiga do Novo Mundo, e muitas instituições noutras nações americanas, que se especializam em cancer, lepra, toxicologia ofidica e de insetos, bacteriologia entomologia, nutrição e medicina tropical, não encontram rivais no mundo.

Dentre outros delegados que apresentaram trabalhos à convenção, constavam os Drs. Guillermo A. Bosco, da Escola Médica da Universidade de Buenos Aires; Horacio Zalce, da Cidade do México; Alejandro Lipschitz, de Santiago; Gonzalo Esguerra-Gomez, da Clínica de Marly, de Bogotá; Monge, Chavez, Huhtado, Jimenez, Pons, Rotta, Encinas, Trelles, Hahn, Urteaga e Boisset, da Faculdade de Medicina e Instituto de Biologia Andina, de Lima; Carlos Chagas, do Rio de Janeiro, Vaccarella, Bence, Lanari, Labourt, Segura e Paso, da cadeira de Patologia e Clínica da Tuberculose, de Buenos Aires; Hugo J. D'Amato, do Departamento Nacional de Saúde Pública da Argentina; Nicandro Chavez, da Universidade Nacional de Medicina, do México; J. Mendenez Feros, da Universidade de Havana, Cuba, e P. L. Farinas, do Hospital Universitário de Havana.

Os ideais americanos não poderiam encontrar mais valioso elemento para a sua realização, do que as diretrizes assentadas por esses homens de ciência, todos produtos de um ambiente de preconceitos incompatíveis com o progresso científico.

DEFESA INTERAMERICANA

A Junta de Defesa Interamericana é um grupo de técnicos especialistas, oficiais do exército e da armada, que se encontram em constante trabalho, procurando os meios de reforçar a defesa do continente.

Composta de delegados de cada uma das nações americanas, a Junta é um produto da última Conferência dos Chanceleres do Rio de Janeiro, a qual recomendou a "imediate reunião em Washington, de uma comissão composta de oficiais especialistas do exército e da armada, indicados por seus respectivos governos, para estudar e recomendar aos mesmos as medidas necessárias à defesa do continente".

Com sede em Washington, permanentemente, a Junta teve a sua sessão inaugural em 30 de Março último. Desde então seus membros têm estado em constante atividade.

Os membros da Junta mantêm íntima familiaridade com os desenvolvimentos militares nos Estados Unidos, através de constantes visitas às indústrias de guerra e estabelecimentos do exército e da marinha. Nessas visitas, informam-se eles de todo o constante progresso que se vai notando nos setores de preparação militar.

Em recente visita, tiveram ocasião de observar o aproveitamento que aos seus alunos está proporcionando o Centro de Treinamento Naval de Pensacola, na Florida, e o Centro de Treinamento do Exército, em Fort Benning, em Georgia.

Os oficiais de todos os países americanos assistiram, em Pensacola, às manobras de uma armada aérea, composta de 254 aviões de todos os tipos. Foi uma impressionante demonstração do poder aéreo norte-americano, que se desenvolve atualmente em proporções gigantescas.

Em Fort Benning, houve especial interesse na observação de evoluções feitas por tropas paraquedistas, já organizadas em vários batalhões. Viram também o progresso que se está verificando em matéria de tanques, munidos agora das armas mais modernas, possantes e eficientes. Assistiram a manobras de corpos de infantaria em ação conjunta com outras armas, e puderam experimentar pessoalmente o manejo de várias peças de artilharia, assim como verificaram a precisão técnica dos tanques e de outros veículos motorizados.

COOPERAM OS ESTADOS UNIDOS NA TAREFA DE DESENVOLVER OS RECURSOS NATURAIS DO BRASIL

A missão industrial norte-americana, composta de 12 membros, que se encontra atualmente no Brasil cooperando com os engenheiros brasileiros a tarefa de desenvolver os recursos naturais desse país, indispensáveis à produção em tempo de guerra, é considerada nesta capital como um dos mais destacados grupos de especialistas já enviados pelos Estados Unidos em auxílio de uma nação aliada. Organizada a pedido do Brasil, pelo Departamento de Estado o Conselho de Produção de Guerra, a sua constituição foi anunciada pelo presidente Roosevelt, pouco antes da entrada do Brasil na guerra.

Um dos mais notáveis engenheiros consultores dos Estados Unidos, o sr. Morris L. Cooke, chefe o grupo de técnicos, que é composto de peritos em assuntos econômicos, metalúrgicos, transportes e produção agrícola, industrial, força hidro-elétrica, etc. Quatro objetivos principais procura atingir a missão, a saber:

Primeiro. Aumentar a produção do Brasil de artigos essenciais, especialmente dos que esse país antes importava dos Estados Unidos, afim de poupar praça dos navios.

Segundo. Preparar as indústrias do Brasil de forma a que possam empregar sucedâneos das matérias primas antes importadas.

Tercero. Melhorar as facilidades internas de transportes.

Quarta. Reforçar os alçerces e intensificar o desenvolvimento da indústria brasileira de longo alcance.

Nos círculos oficiais desta capital frisa-se que a missão trabalhará com um número equivalente de técnicos brasileiros. Diz-se que esses especialistas estão em excelentes condições para dar ao Brasil as vantagens da experiência industrial dos Estados Unidos, adquirida em dez meses de guerra.

O engenheiro Cooke, como administrador dos serviços de Eletrificação Rural, lidou intensamente com questões relacionadas com a força hidro-elétrica e o combustível líquido, problemas que são de primordial importância para o Brasil. O sr. Cooke tem experiência diplomática, adquirida no desempenho de sua recente missão no México, relacionada com a avaliação dos terrenos petrolíferos confiscados pelo Governo mexicano.

O sr. James M. Boyle, secretário da missão, é também um engenheiro consultor empregado na Administração de Eletrificação.

O sr. Corwin Edwards, economista da missão, foi consultor do Ministério da Justiça de assuntos econômicos. Recentemente, foi presidente da Comissão contra os "trusts".

O sr. William C. Lightner, foi engenheiro consultor do Conselho de Produção. Dirigiu trabalhos de investigação e laboratório durante muito tempo em empreendimentos particulares, em Conselhos de Arbitragem e em Câmaras de Comércio e Associações comerciais.

Os outros membros da missão são os srs. Donald K. Woodlard, perito em engenharia têxtil, Judson Dickerman, engenheiro especializado em eletricidade, Carlos F. Bonilla, engenheiro químico; Frank Hodson, considerado como um dos principais metalurgistas do país; Alex A. Tennant, chefe da seção de transporte e comunicações do Conselho de Economia de guerra; a divisão do Hemisfério Ocidental; Joseph Rothmeyer, engenheiro especializado em produção; Kenneth Watson, representando o Conselho de Produção de Guerra e Raimond Hall, que também serviu na missão enviada à Colômbia.

Friza-se nos círculos oficiais que a missão que se encontra no Brasil seguiu grande número de técnicos norte-americanos, pois os Estados Unidos segundo se diz forneceram ao Brasil os serviços de especialistas em borracha, mineração, óleos vegetais, alimentação, medicina tropical e outros assuntos.

A MULHER BRITANICA NA GUERRA TOTAL

O recente registro na Grã-Bretanha de todas as mulheres de quarenta anos para os serviços da nação, mais a notícia da formação de um Exército Operário Feminino de duas finalidades, para trabalhar nas colheitas no outono e nas fábricas no inverno, voltando às lavouras na primavera, focalizam mais uma vez o magnífico esforço de guerra da Mulher Britânica. Alguns dos fatos de domínio público ajudarão o mundo a conhecer a dedicação e o firme propósito de vitória da Frente Interna Britânica.

Das 15.800.000 mulheres da Grã-Bretanha entre as idades de dezoito e sessenta e quatro anos, há aproximadamente 670.000 incapacitadas e 4.500.000 cuidando de famílias com crianças de



A Rainha Mary, da Inglaterra, em visita a uma bateria.

menos de 14 anos. Resta pois, ao máximo, um exército de 9.630.000 mulheres disponíveis para o esforço de guerra.

Já em Junho deste ano, 7.500.000 mulheres estavam desempenhando serviços de tempo completo em algum ramo do esforço nacional. Esta cifra não inclui aquelas que servem no Exército, na Marinha, na RAF, ou no Exército do Solo (trabalhadoras da terra), e tampouco abrange as que trabalham nos Serviços Voluntários Femininos. Destas 7.500.000 que trabalham nas indústrias, bem mais de um e meio milhão até Julho de 1942 tinham sido aproveitadas na Produção de Munições e Aviões e outras semelhantes produções essenciais de guerra.

Além deste estupendo esforço, na Indústria, grandes levadas alistaram-se nas três armas do Exército. Por motivos de segurança não se pode divulgar o número exato de mulheres na A. T. S., mas a cifra visada em 1941 era de 190.000. Sabe-se que esta cifra foi alcançada e o notável é que foi alcançada exclusivamente por alistamento voluntário.

No Exército, as mulheres trabalham em mais de cinquenta ofícios, incluindo estafetas, motoristas de caminhões, manejo de telemetros de artilharia, radio-localização de aviação e nas provas de novos tipos de munições. Até servem junto aos artilheiros dos canhões anti-aéreos nos postos de tiro em plena operação.

Na Marinha Real alistaram-se 23.000 mulheres, o bastante para substituírem o número de marinheiros necessários para tripular oito a dez encouraçados.

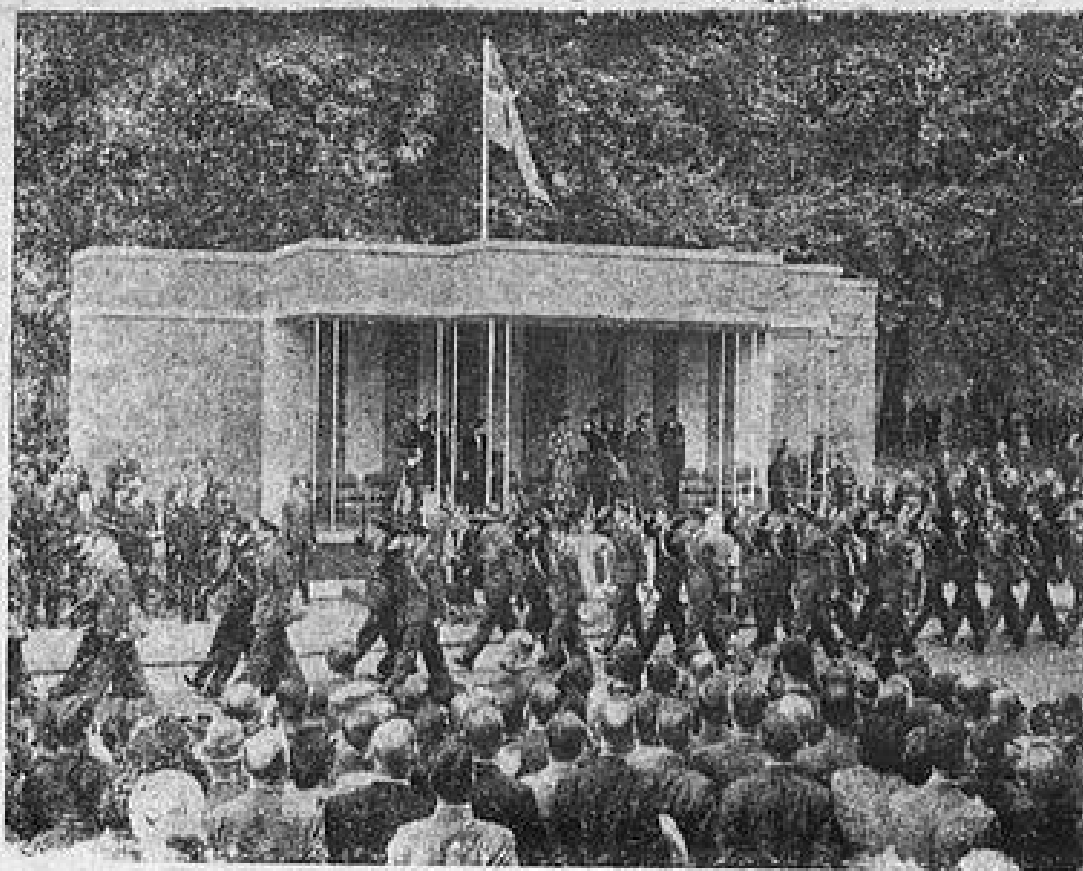
O número de mulheres na WAAF (Corpo Auxiliar Feminino da Força Aérea) é mantido em segredo, mas eleva-se a muitas centenas de milhares, todas elas recrutadas voluntárias. Estas WAFs fazem serviços de mecânicos de aviação, armeiros, meteorologistas, marcadores de bombas e operadoras de balões de barragem, etc.

O fato de ser a Grã-Bretanha o único país no mundo a convocar mulheres para as forças é exemplo frisante da Mobilização TOTAL que se realizou na Frente Interna Britânica.

O Ato do Parlamento que autorizou esta convocação entrou em vigor em Março de 1941, mas a corrida para o alistamento voluntário foi tão grande que não houve chamada até Dezembro de 1941.

Outrosim, existe ainda um Exército Feminino do Solo de mais de 30.000 recrutas. Esta é uma das tarefas mais penosas. As mulheres trabalham em serviços de tempo inteiro nas lavanderias, aumentando assim a produção de mantimentos para a pátria e poupando precioso espaço na marinha mercante.

Além destas tarefas, há um imenso exército de 1.020.000 mulheres ocupadas nos Serviços Voluntários Femininos. Compete-lhes tomarem conta das cantinas de emergência para fornecimento de alimentos durante os ataques aéreos, encarregarem-se dos fornecimentos de roupas para as vítimas de bombardeio, e do alojamento dos que ficam sem lar, etc.



Parada em homenagem a S. Magestade o Rei Haakon, em Londres.

Mulheres com crianças ou obrigações caseiras que as impedem de trabalhar em serviços de tempo inteiro dirigem-se presentemente em grandes números às fábricas como trabalhadoras de parte do tempo. Em muitas fábricas, trabalham nas turnas da manhã, das 8,00 às 12,30, das Segundas aos Sábados, perfazendo assim uma semana de 27 horas. Muitas outras trabalham nas turmas da tarde.

Estas cifras justificam a declaração do Sr. Bevin recentemente nos Comuns: "Nenhum país na história do mundo jamais mobilizou seu potencial humano, tanto em homens como em mulheres, ao mesmo grau que a Grã-Bretanha durante esta guerra".

E' somente por causa desta esplêndida mobilização na Frente Interna para a guerra total, que a produção aérea britânica iguala ou ultrapassa a da Alemanha e que o total de sua produção de armamentos se aproxima á do Reich, deixando assim quasi que a inteira produção americana como sobras "de vitória" para as Nações Unidas.

Outra nota interessante do esforço de guerra das Mulheres Britânicas é o tributo que lhes é prestado pelos homens das fábricas britânicas em toda parte pelo seu elevado moral e sua concentração absoluta em alcançar a vitória. Referindo-se às mulheres com obrigações caseiras que fazem trabalho de meio-tempo nas fábricas, um gerente disse ultimamente: "Estas mulheres casadas são extraordinárias. Não é pelo dinheiro que elas trabalham, porque esse é bem pouco. E' por lealdade e puro patriotismo".

Numa fábrica da costa do nordeste da Inglaterra, mulheres trabalham hoje em usinas de ferro e aço e também como estivadores. Seus cupatazes dizem que elas são tão eficientes quanto os homens. No condado de Lancashire elas hoje trabalham na superfície das minas de carvão em vez dos homens.

O Diretor da Secção de Estudos dos Reparos de Aviões referiu-se às auxiliares femininas da sua especialidade nos seguintes termos: "O gento demonstrado pelas mulheres para este ofício é admirável. Não há palavras que possam prestar o justo tributo á eficiência do seu trabalho, á sua coragem, iniciativa e entusiasmo, e á sua desassombrada força de vontade em suportar horários longos".

Finalmente temos as palavras do Sr. Bevin na Câmara dos Comuns:

"Estou certo que toda a Câmara se unirá a mim numa justa homenagem á dedicação da Mulher Britânica, pois, como nação, fomos bem favorecidos nas qualidades do sexo feminino do nosso país".

MALTA

As ilhas, grandes e pequenas, desempenharam e ainda desempenham papel primordial nesta grande guerra mundial. Nenhuma delas, entretanto, é mais importante para a causa da liberdade ou tem feito mais para defender esta causa, do que a pequena ilha de Malta.

Malta, cuja área é apenas de 233 quilômetros quadrados de terras rochosas, é na verdade uma pequena mancha no vasto Mediterrâneo; mas dificilmente se poderá sobestimar seu valor estratégico. Situada no Mediterrâneo central, apenas a cem quilômetros da Sicília denega aos poderes do Eixo o uso exclusivo dessa grande via marítima, outrora jactanciosamente apelidada por Mussolini de "mare nostrum". Ela se acha a cavalo das principais rotas de navegação para o teatro norte-africano da guerra; ela está, por exemplo, somente a 320 quilômetros de Tripoli e a uns 650 quilômetros de Benghazi. Ao mesmo tempo, está quasi inteiramente isolada dos seus amigos, pois se acha quasi no meio, entre as duas outras bases Aliadas no Mediterrâneo: Gibraltar, a quasi 1500 quilômetros para oeste, e Alexandria, a mais de 1250 quilômetros á leste. Não obstante sua pequenez e seu isolamento, a ilha de Malta é um espinho na carne para os poderes do Eixo, pois disse Ansaldo, o intérprete de Mussolini, "Malta tornou-se em colossal e inafundável porta-aviões quasi á vista da costa italiana".

Na verdade, atravez de sua longa e gloriosa história, Malta manteve-se firme contra todos os que procuraram ser seus opressores, como convinha a tão devota nação. Pois quer a tradição que São Paulo, que naufragou ao largo da ilha no ano 58, converteu seu povo ao cristianismo durante a sua permanência ali. Também é interessante saber que em 1565, durante o assedio de Malta, os Cavaleiros de S. João transformaram a ilha numa fortaleza e construíram vastas galerias subterrâneas cavadas na rocha calcárea de que é quasi inteiramente formada a ilha. Hoje, essas cavernas oferecem abrigo inexpugnável para os malteses contra um inimigo mais desumano e blasfemo do que jámais o foram os infieis de outrora.

Em 1814, após a derrota de Napoleão, Malta, por sua própria vontade, tornou-se parte do Império Britânico.

E esta pois em resumo a história de uma nação cujo valor, durante perto de três anos de guerra, em que foi o maior alvo dos ataques inimigos, conquistou o louvor e a admiração do mundo civilizado. Sem exagero, podemos dizer que cada um dos seus 250.000 habitantes tem mostrado a maior coragem na linha de frente da batalha.

Dois anos e meio de guerra trouxeram muitas mudanças para a ilha de Malta e para a vida de sua população. Nos dias que precederam a guerra, os malteses levaram uma existência simples e tranquila, dedicando-se às poucas indústrias que a ilha suporta e cultivando o solo pouco profundo, mas extremamente fértil, que cobre seus vales. A vida econômica da ilha todavia dependia quasi inteiramente das docas navais e do porto; os grandes navios enchiam sua enseada, trazendo o trigo, a carne e todos os outros mantimentos que Malta tinha que importar. Hoje, quando os navios são tão necessários para os objetivos de guerra, somente as mais urgentes necessidades podem ser levadas a Malta, embora seus cidadãos tenham aceito tão lealmente esta privação, que nenhum sistema de racionamento se tornou necessário.

Quando, em junho de 1940, a Itália entrou na guerra, acreditou-se na Grã-Bretanha que seria impossível usar Malta como base aérea, pela sua proximidade á Sicília. Não havia de fato nenhum avião estacionado na ilha. Os aviadores italianos vieram, certos de não encontrar oposição. Mas alguns oficiais da Royal Air Force descobriram no Arsenal, ainda nas suas caixas de embalagem, as peças de quatro "Gladiators", e esses aviões apressadamente montados alçaram vôo contra o invasor. Os malteses, recusando a proteção dos seus abrigos subterrâneos, ficaram a aplaudir freneticamente quando os primeiros aviões inimigos despencaram mortalmente atingidos.

Malta pois podia ser defendida do ar, tão bem quanto pelas baterias anti-aéreas erigidas em volta das suas praias.

Daquele dia em diante Malta tornou-se o lugar mais bombardeado do mundo. Valetta, sua capital, foi em breve convertida em imenso abrigo subterrâneo a prova de bombas, tanto as incursões aéreas se tornaram ocorrência quasi diária na vida de seu povo. Corajosos e unidos, seus homens, mulheres e crianças desafiaram os italianos com tamanho sucesso que em janeiro de 1941, os nazistas ocuparam a Sicília para participar do ataque contra a ilha. Os bombardeiros alemães de mergulho acrescentaram seu horrível terror aos padecimentos dos habitantes de Malta — mas sem sucesso maior do que o alcançado pelos italianos só.

Malta adquirira aviões próprios — não muitos a princípio, é verdade, mas mesmo assim, seus sucessos sobresaltavam o inimigo. A R.A.F., em Malta, enfrentou riscos e desvantagens ainda mais fantásticas do que as encontradas na Batalha da Grã Bretanha. Houve um dia em que duzentos e vinte e quatro bombardeiros alemães e italianos, escoltados por uma nuvem de caças, apareceram sobre a ilha. Como houvesse estragos temporários num campo de aviação, somente seis Spitfires e três Hurricanes puderam decolar para enfrentar o ataque. Em pouco, esses nove aviões destruíram três da aviação inimiga, sem nenhuma perda propria. Em outra ocasião, todo avião Nazista que sobrevoou a ilha, foi abatido ou avariado — um record máximo em guerra aérea em qualquer parte. Isso é o que Malta pensa dos poderes do Eixo.

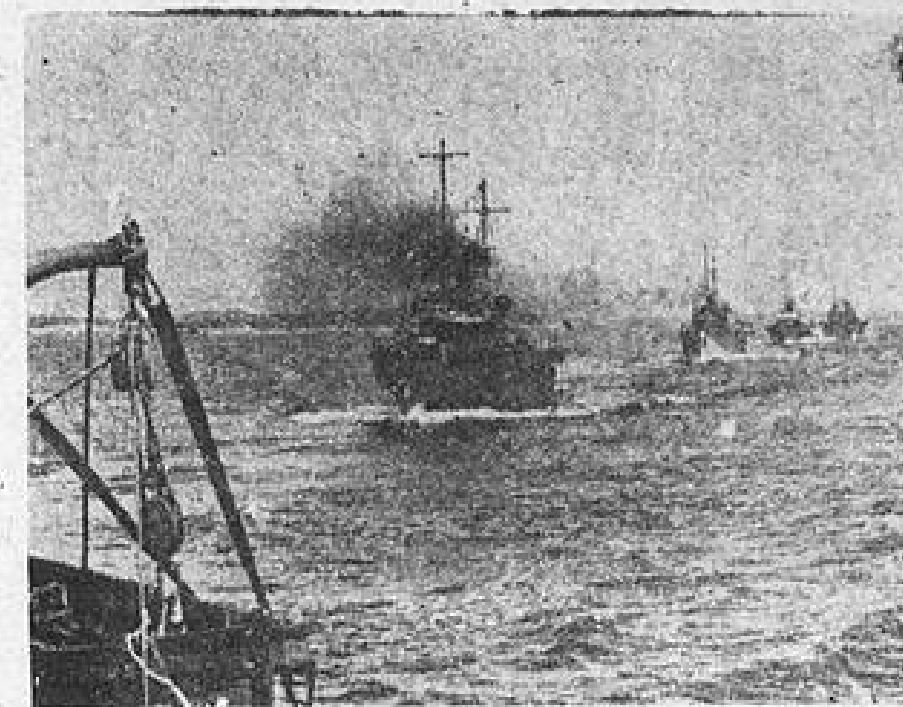
Até aos meados de maio de 1942, mais de 2.000 ataques aéreos inimigos haviam sido lançados contra a ilha que se tinha tornado "colossal e infundável porta-aviões", mas aquelas incursões custaram muito às forças do Eixo. Durante aquele período, os aviões de caça e as baterias anti-aéreas de Malta, manejadas por tripulações britânicas e maltesas batalhando lado a lado, abateram nada menos que 519 aviões inimigos. Estas são as "certezas" — muitas centenas mais ficaram tão avariadas que é pouco provável que jámais tenham alcançado suas bases. E para esses grandes gastos em aviação e pessoal treinado, que obtiveram os parceiros do Eixo? Certamente conseguiram mutilar e matar civis e derrubar suas casas. Mais de 15.500 habitações foram destruídas, além de muitas catedrais esplêndidas e belos edifícios públicos. Conseguiram também fazer o povo e a guarnição de Malta mais ardentemente determinados do que nunca a resistirem — e a revidarem. Uma vez os Poderes do Eixo espalharam vagas ameaças de intenções de invadir Malta. Hoje tudo está mudado. Tão forte é Malta agora, que os italianos têm até expressado sua inquietação de que um assalto aos seus próprios territórios possa ser desferido da fortaleza insular.

Os alemães e italianos estão sofrendo grandemente com a prolongada existência dessa pequena ilha como fortaleza combatente. Bombardeiros "Wellington" e "Blenheim" baseados na ilha, de lá desfecham seus próprios ataques. Bombardeiam aeródromos inimigos, terrenos de desembarque e portos em toda a extensão que vai da Sicília até a Tripoli. Outros aviões da R.A.F. fazem o reconhecimento contínuo de Taranto e outros portos italianos, vigiando os movimentos de qualquer navio inimigo. Tão cedo eles trazem seus relatórios, mais bombardeiros levantam vôo para interceptar e bombardear esses navios.

Na sua função primordial de base naval, Malta desempenhou papel magnifico na luta pela supremacia no Mediterrâneo. A enseada de Valetta tem dado abrigo e facilidade de reparos a mais de um grande couraçado avariado em combate, como também tem servido de ponto de partida para os navios que vão atacar a frota inimiga.

Em julho de 1941, os italianos fizeram a sua infeliz tentativa de forçar a entrada na enseada de Valetta. Eles atacaram com uma frota de botes-torpedeiros atuando como cobertura a oito torpedeiros. Cada um desses torpedeiros foi aniquilado e também, no mínimo, nove dos botes-torpedeiros, e ainda outros severamente danificados. Ademais, três aparelhos da aviação inimiga, que procuravam cobrir a retirada dos italianos, foram também abatidos no mar.

Graças a Malta, navio após navio que procurava trazer suprimentos para as forças de Rommel na Líbia, tem sido afundado. Somente a Itália perdeu mais de 1.250.000 toneladas em vapores no Mediterrâneo desde sua entrada na guerra. Por outro lado, comboios que foram mandados para os três mil quilômetros de viagem da Grã Bretanha a Malta, como os enviados numa viagem ainda mais longa, ao Oriente Médio, alcançaram seus objetivos com suas cargas de mantimentos necessários e de armas de guerra. Ainda mais, eles infligiram pesadas perdas ao inimigo que procurava interceptá-los. Em fevereiro de 1942, três cruzadores italianos e um contra-torpedeiro foram torpedeados, e cinco aviões abatidos quando as forças fascistas experimentaram fazer contacto com um importante comboio britânico, o qual, seja dito de passagem, não sofreu perdas na tripulação. Outra vez, em março, o novo couraçado italiano, o "Littorio" de 35.000 toneladas, foi atingido por um torpedó antes de se retirar perante as



Cinco novas corvetas canadenses em formação de combate no Atlântico.

forças do famoso Almirante britânico Vian. Mais uma vez os suprimentos alcançaram Malta.

O magnifico desafio do povo de Malta evidencia-se de muitas maneiras, ao lado de sua atitude corajosa em face de grandes provações. A pequena ilha levantou suas próprias forças de combate — o "King's Own Malta Regiment", por exemplo, é composto exclusivamente de soldados e oficiais malteses, e há ainda a Artilharia Real de Malta. Outrossim, centenas de robustos jovens malteses servem na Marinha Real, enquanto que outros se oferecem para o serviço a bordo dos caça-minas. As mulheres de Malta tomam também parte ativa na defesa de sua ilha, ajudando nos hospitais, atuando como guardas anti-aéreos, trabalhando nas cantinas e onde mais elas possam servir na luta pela liberdade e pelo direito de todos os povos, de viverem no abrigo dos horrores da dominação nazista.

Não são de admirar pois as homenagens que essa heróica nação tem recebido daqueles que através do mundo todo compartilham seus sentimentos. Nem admira que o Rei Jorge VI recentemente achasse justo conceder a "George Cross" á ilha de Malta pela sua magnífica parte na luta. Entre as muitas mensagens de admiração e encorajamento que Malta recebeu nessa histórica ocasião, achavam-se as de duas outras fortalezas sitiadas e igualmente intrépidas, distantes muitos milhares de quilômetros, a de Kronstadt e a de Sebastopol. Os russos, aliados da Grã Bretanha, compreendem perfeitamente os sofrimentos e a coragem de Malta e o papel que sua resistência esplêndida desempenha na causa comum. Por muito tempo Malta recordará com gratidão os seus generosos louvores.

Durante dois anos Malta tem sido um posto de frente de batalha sob o comando daquele valente soldado, o General William Dobbie que, até ser forçado por doença a voltar á Grã Bretanha em maio de 1942, atuou como Governador da ilha durante aquele período de provas. Agora o encargo da ilha está nas mãos competentes de seu Governador e Comandante em Chefe, General Lord Gort, V. C. Não é sem motivo que esse grande soldado é conhecido pelo alcunha de "O Tigre", e desde o tempo em que ele tirou com sucesso seus homens da armadilha nazista nas Flandres e os levou às praias de Dunkerke, em 1940, ele tem visto muita luta importante. Ele e Malta se completam.

Um dos primeiros deveres do General Gort á sua chegada em Malta, foi enviar uma mensagem á Grã Bretanha acusando o recebimento da "George Cross" concedida á ilha. "Tenho a honra de acusar o recebimento da "George Cross" escreveu o "Tigre Gort", e da carta de Sua Magestade o Rei. O povo e a Guarnição de Malta apresentam seu humilde e leal respeito a Sua Magestade e em seu nome peço vênha para declarar que a honrosa mensagem de Nosso Soberano e a concessão da "George Cross" servirão de constante inspiração para nós todos, de permanecermos firmes em nossos deveres e na firme determinação de defender nossa fortaleza".

Quem poderá duvidar que Malta cumprirá esta promessa?

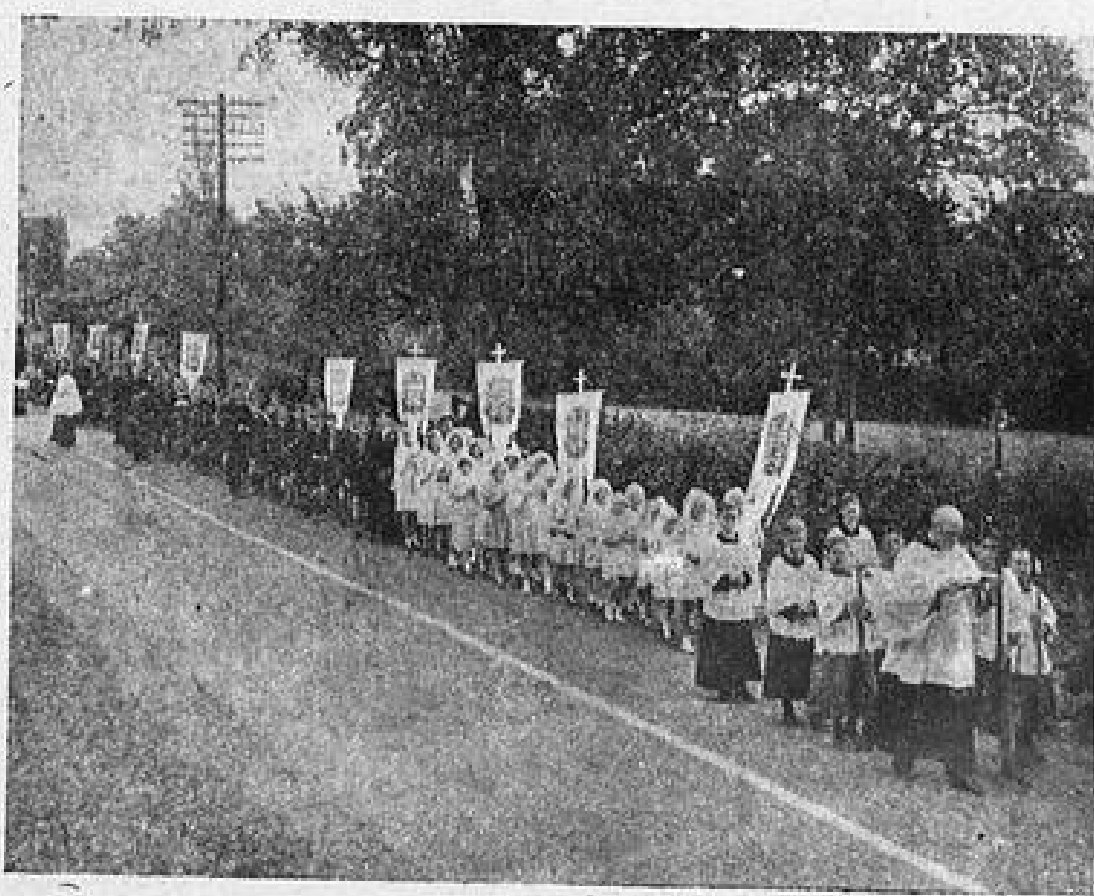
SOB A SWASTICA

Por Luis Tulio Bonafoux
do BRITISH NEWS SERVICE

Não acredito que exista na América Latina — em toda a América Latina desde o Estreito de Magalhães até ao Golfo de México — um só homem perfeitamente honrado cujo coração não se estremeceu de dor ao ouvir a relação dos crimes perpetrados pelas hordas totalitárias em sua descarada violação de tudo o que tem sido considerado sagrado pela humanidade, desde a consutuação no Calvário do divino sacrifício. ... Mas si, porventura, existisse semelhante homem, sendo tão desapiedado que não subisse a seus olhos uma só lágrima misericordiosa, ao contemplar a pirâmide de ossamentas levantada no continente europeu em nome da cruz gamada, estou certo de que se sentiria profundamente ofendido si lhe dissesse o preferido de sua povoação: "Escolha entre Jesus Cristo e o Fuehrer!"

Foi este, sem embargo, o ultimátum apresentado por um comissário nazista da Alsacia, onde tanta a Abadia due São Odile como a Catedral de Strasburgo foram miseravelmente profanadas. "Um bom católico não pode ser um bom Socialista Nacional", anunciou o Galiter aos funcionários da cidade de Thann, consignando assim uma verdade estupenda, porquanto, não se podendo servir a Deus e á mundanidade, nenhum católico, não já bom sinão ainda péssimo, poderia aprovar os atentados que constituem o credo de todo bom Socialista Nacional. E acrescentou: "Os oficiais do Terceiro Reich devem ser, antes de mais nada, bons nazis, por qual motivo é preciso que escolham entre Jesus Cristo e o Fuehrer."

Havia tempo que eu desejava denunciar as horrendas perseguições da Igreja nos países subjugados pelos nazis, como denunciei anteriormente as matanças pavorosas que ensanguentaram o continente eu-



Com a presença do Arcebispo Amigo, realizou-se a 62 peregrinação anual ao Santuário de N. S. da Consolação em West Grinstead, tomando parte centenas de colegiais, moços e adultos.

ropeu. Mas escrevendo, como escrevo, desde uma nação na qual o jornalista tem o dever profissional de dizer "a verdade, e nada sinão a verdade," aguardava para fazê-lo uma confirmação fidedigna das notícias que chegavam, de vez em quando, aos nossos ouvidos, em azas da brisa, como chegavam aos venezianos os gritos espantosos dos prisioneiros torturados nos calabouços próximos á Ponte dos Suspiros.

Esta confirmação vem agora ás minhas mãos na forma duma memória oficial, consagrada pela Delegacia interaliada á perseguição levada a cabo pelo Eixo, na Asia e na Europa, tão diabólica e sistematicamente, como a realizada pela Gestapo, no extermínio, em massa, dos intelectuais poloneses, tchecoslovacos, grêgos e yugoslavos. Ao examinarmos suas páginas, como si fossem as cenas fugitivas dum filme aterrados, vamos como os nazis perseguiram todas as religiões estabelecidas nos territórios usurpados, convertendo igrejas e conventos em quartéis, teatros e cavalariças, saqueando mosteiros, profanando altares, torturando milhares de parquianos inocentes, e enforcando ou fuzilando os mártires do cristianismo que se negaram a protesnar-se diante da swastika pagã.

Na Polónia somente, foram assassinados — não existe outra palavra adequada — mais de oitocentos sacerdotes, calculando-se que há três mil mais, aguardando a morte, com os ossos deslocados, e os rins desfeitos com chicotadas, nas celas de campos de concentração, que são cemitérios de cadáveres ambulantes...

No que diz respeito á Rússia, baluarte glorioso da civilização na sua luta titânica contra a barbaria, os crimes perpetrados em seus campos, aldeias e cidades pelos soldados prussianos, com o aplauso dos seus oficiais, quando não por suas ordens, são tão horripilantes que rasgam o coração mais estóico, deixando-o eternamente contraído na noite impenetrável da perversidade humana...

—O—

"E' preciso escolher entre Jesus Cristo e o Fuehrer..."

Esta frase sinistra prova, por si sozinha, que os nazis tencionam exterminar a Igreja — sobretudo a Igreja Católica — onde quer que penetrarem as suas forças armadas, chegando, com esse fim, ao ponto de crucificar um continente inteiro.

Querem privar o indivíduo da fé que o impede de ser um Nacional Socialista competente, isso é, um escravo sem alma e sem consciência, no serviço incondicional dum César monstruoso. A' semelhança dos criminais que sacam os olhos de suas vítimas, receios de que os seus rostos permaneçam retratados em suas pupilas dilatadas, querem deixar a Igreja exângue, em vã tentativa de sufocar em sua garganta a voz acusadora de Deus!...

A CONSPIRAÇÃO UNIVERSAL CONTRA AS CONCIÊNCIAS

(Continuação da pág. 12)

perdida. E si tiver perdida pelas mesmas razões que acarretaram o desastre de meu país, isto é, pelo enfraquecimento, o esgotamento da consciência nacional, envenenada pelo derrotismo, não estariam as Autoridades com o direito de responder a nossas exprobações, com esta linguagem perfeitamente eclesástica: "O Fascismo é uma Doutrina, mas é também um sistema. Temos denunciado os perigos da Doutrina. Os do Sistema, vós os conheceis perfeitamente e ainda mais que ele tinha em mira vossa liberdade e vossas vidas. Por que razão não vos defendestes por vós mesmos? Em que capítulo do catecismo enxergastes que a Autoridade espiritual é responsável por vossa segurança temporal? Que padres ou religiosos vos tenham inspirado desconfiança, nada que nos parecesse mais natural, pois que é — por não poucos titulo — também para nós a inspiraram. Entretanto, deveis ter compreendido que se a proclamássemos, correríamos o risco de estar parecendo ditador, ou pelo menos inspirar á Autoridade Suprema, medidas que ela parecia pouco disposta a tomar. Pela mesma razão, é provável que tivéssemos acolhido vossas iniciativas com reservas. Todavia não teríamos deixado de aplaudir-las do fundo do coração, e fãci aos teria sido conformarmos-nos com elas, em nome do principio que manda dar a Cesar o que é de Cesar. Por infelicidade, Cesar é que não sois, e si tanto vós como nós nem por isso deixamos de perder na transação, se não somos perseguidos pelo novo Senhor como o foram antes de nós nossos confrades da Tchecoslováquia ou da Polónia, o caráter de paz de que nos revestimos outra coisa não nos permite fazer do que vos aconselhar publicamente a obediência e a resignação. Contudo, não nos é proibido pedir a Deus que vos inspire agir como homens, libertando a Pátria".

(De "O JORNAL", de 27-10-1942)

— II —

Certos leitores terão talvez acreditado discernir alguma ironia ou mesmo máguia na conclusão de meu último artigo. Enganam-se, mas compreendo muito bem seu erro. Não há nada mais difícil do que falar do fascismo, e especialmente dos católicos fascistas, sem passar por injusto para com irmãos dos quais estaríamos separados, conforme se diz, apenas por uma concepção diferente da política. Contudo, é de coisa bem diferente da política que se trata. A questão versa sobre uma concepção geral da vida temporal, em que se baseiam esses mesmos irmãos que hoje se queixam de meu modo de falar, para amanhã acharem perfeitamente legítimo seja eu fuzilado, se Pétain, de acôrdo com Hitler, achar que eu e mais os judeus devamos ser classificados entre os elementos anti-sociais, isto é, anadaptáveis á Nova Ordem Européia. Aliás, por que motivo haveria eu de esperar que esses senhores, chegado o momento, irão achar minha vida mais preciosa do que a dum abissínio, dum republicano espanhol ou dum padre basco? Não conto com isso de forma nenhuma, e é o que talvez me dê o direito de encarar de frente, com menos cólera do que ironia, essa classe de homens sempre pronta a reclamar liberdade dos seus adversários em nome dos principios deles, e — quando chega a dominar — de recusar-lhes essa liberdade em nome dos seus próprios.

Porque, tal é com efeito o fundo do debate. Falamos de fascismos diversos como se se tratasse sempre dessas ideologias do século passado, como se o mundo estivesse sempre dividido entre liberais do tipo Ruy Barbosa ou conservadores, do tipo Rio Branco.

Mas, perdão! Nenhum desses Partidos jamais pretendeu depender de outra Moral que não daquela que há muito tempo serve para todo o mundo, uma vez que a Nova

Reforma — como tão justamente a qualificou Léon Daudet — criou uma para seu uso próprio. Não essa espécie de moral secreta, cuidadosamente velada aos profanos, que os jesuitas atribuem aos maçons e os maçons aos jesuitas, mas uma Moral abertamente definida, insolentemente proclamada, cujo primeiro preceito poderia ser enunciado da seguinte maneira: "Tudo é permitido contra meus adversários, isto é, contra os elementos anti-sociais". Por certo não há ideologia, por mais académica que tenha sido em aparência, que por vezes não tenha armado o braço dum criminoso. Mas, para retomar minha comparação, nunca o sr. Ruy Barbosa ou o sr. Rio Branco, nunca o sr. Gladstone ou o sr. Disraeli, nem nenhum de seus eleitores pensou jamais em qualificar seus adversários de "elementos anti-sociais", dando a essa palavra o sentido que ela tem no vocabulário nazi: elementos a suprimir pela esterilização ou a morte. Nenhum partido, repito, jamais ousou excluir assim da Humanidade seus adversários. Mas a verdade é que não nos achamos em face dum Partido: achamo-nos é em face duma Raça e duma Religião. Em nome dessa Religião, a Raça que atira seu dilema: "Crê ou morre!"

Si algum leitor meu pusesse as linhas que precedem sob os olhos desses homens para os quais é-nos proposto que sejam poupados por tanto tempo quanto seja preciso para que fiquem materialmente convencidos de traição, isto é, desses homens que só simpatizam com o crime por pensamento, vão dizer que eu dramatizo as coisas inutilmente, que os fascistas não passam, de gente honesta inofensiva, e por fim, fingirão rebentar de riso. Farão mal de rir, porque o mundo não tem mais vontade de rir. Si os amigos desses senhores tocam para a frente sua tarefa, em breve não haverá por esse mundo afora outro riso que o das caveiras. Todavia sobre esse ponto, devo tornar mais preciso meu modo de pensar. Si minha dolorosa piedade não se exercesse para as vítimas inocentes desde já marcadas para o sacrificio, eu não tomaria esse tom trágico. Porque no que me concerne, só me dá motivo, em absoluto, para zombaria o "Crê ou Morre"; sempre há de me ser infinitamente mais fácil morrer, do que tomar a sério esses espantinhos para burgueses que estão servindo para terrorizar a Sociedade Moderna, esses Reis Momo do Carnaval mais sombrio da História. Digo "Carnaval", porque um Carnaval fica sendo um Carnaval, mesmo se os esgotos da Cidade vão carriando sangue em vez de vinho ou cerveja. Sem dúvida que se é forçado de convir que os ditadores da Europa matam muito — até mesmo os pequenos, ou sejam aqueles que se escondem ainda para matar. Mas quando se pensa nos meios de destruição mecânica que a indústria moderna põe á disposição desses provedores de cemitérios, parece, refletindo bem, muito menos extraordinário em suma, matar cem mil homens por dia, do que fabricar o mesmo número de pares de sapatos. Graças aos métodos modernos, Gengis-Kan, Atila ou Tamerlão teriam feito muito melhor do que esses arri-vistas.

Apresento desculpas por me ter afastado assim por um momento do meu assunto, mas quando se fala desses acontecimentos atuais, é necessário por vezes reduzi-los ás suas justas proporções, repô-los em sua medida exata e não na dos terrores históricos duma sociedade cuja usura nervosa é pavorosa. Em verdade não é o êxito fulminante do totalitarismo que atacará de estupor os historiadores futuros, mas sim a espécie de fascinação que ele exerceu sobre as Democracias da Europa. Já escrevi, e não me cansarei de escrever, que a atitude das Democracias da Europa até 1939, em frente aos Ditadores, sempre lembrou a da rapariga submissa em face do amante que a explora e moe de pancadas. Somente esse estado de espirito — si

minha ousadia vai ao ponto de empregar esse audacioso eufemismo — pode explicar a incrível indulgência de que gozam ainda entre nós, senão os próprios criminosos, pelo menos a multidão dos seus antigos admiradores que se dizem hoje moderados, invocam em seu favor a distinção de fóro interno e fóro externo — dêsses homens para quem, na ausência de qualquer delito material — desejar-se-ia em nossos dias concedê-los o benefício da presunção favorável. De boa vontade admito que está perfeitamente de acôrdo com os princípios do velho Direito liberal, o qual as juventudes fascistas repelem e levam a ridículo, de punir os atos e não as intenções, os culpados e não os suspeitos. Mas no caso particular que é objeto d'êste artigo, nunca se pensou em repressão e muito menos em depuração, não se trata absolutamente de precauções a tomar, inspiradas que sejam por uma justa desconfiança em relação a homens, dos quais o menos que se pode dizer é que se vão abster daqui por diante de fazer votos abertamente pela vitória de nossos inimigos implacáveis, á nossa é que realmente não desejam.

(Do "O JORNAL", de 28-10-1942)

— III —

Digo pensando em meu país, desarmado e entregue por milhares e milhares de cúmplices do inimigo, mais ou menos concientes, por pessoas pretensamente honestas que se diziam prudentes, piedosas, ou até mesmo patriotas, e que ao invés pela maior parte não passavam de imbecis, que nós tivemos a tolice de poupar como tais, mas que nem por isso deixaram de conseguir, em sendo uma multidão, quebrar a força francesa como os insetos dão cabo duma velha árvore — não há, não pode haver Fascismo moderado; o Fascismo é essencialmente uma reação contra toda e qualquer espécie de moderantismo; nunca os ditadores deixaram de assim o proclamar.

Dir-me-eis talvez que existe ainda gente bastante simpática para ter a pretensão de saber mais coisas da Nova Reforma do que o próprio sr. Hitler. Não lhes deis crédito. Semelhante ilusão poderia ter sido verosimil antes da campanha da Etiópia, extraordinária depois dos negócios da Espanha, mas na hora em que escrevo estas linhas, é perfeitamente inconcebível. Caros amigos brasileiros, podeis crêr que ao falar assim peso minhas palavras. E peço-vos que as peseis também comigo. É sabido que a crise universal em que o mundo corre ainda o risco de perecer, tem suas causas iniciais e políticas. Mas, antes de ser uma crise política e social, é primeiro que tudo uma crise da consciência individual. O Nazismo gaba-se de ter criado um novo tipo de homem que ele opõe ao tipo cristão. Mas, longe de o ter criado, foi a êsse tipo de homem que ele ficou devendo a existência, ou, pelo menos, seu prodigioso poder de propagação. Si me permitem uma comparação, Hitler e seus subordinados não são mais autores do totalitarismo do que Lamartine ou Hugo o foram do Romantismo. O Romantismo foi igualmente a manifestação duma crise da consciência européia. Mas a semelhança para aí, pois o Romantismo foi uma crise da consciência cristã, enquanto que o totalitarismo é uma crise da consciência européia descristianizada. Sim, muito antes que Hitler tivesse acabado o Mein Kampf, — ou mesmo, talvez, imaginado escrevê-lo — milhões e milhões de homens de toda origem, de toda classe e também, aí de mim! — tenho vergonha de o dizer — de toda crença, estavam prontos para receber o novo Evangelho. Milhões de homens, aparentemente muito diferentes uns dos outros, ou até mesmo inimigos, mas que tinham todos este caráter comum: desesperavam da Justiça e da liberdade, quero dizer que desesperavam do homem. Em seu

espírito a palavra de Ordem evocava não êsse impulso harmonioso, cujos símbolos de pedra a arte helênica multiplicou, antes que S. Paulo em sua alma grande e ardente lhe fosse levar a realidade divina, mas sim o constrangimento — as algemas, os carrascos, as cadeias, as fogueiras, a força. Ainda uma vez, essa gente podia se julgar separada por modos de ver inconciliáveis. A idéia que o engenheiro materialista fazia da salvação do mundo era sem dúvida bem diferente da do militar, do médico ou do padre, mas todos partilhavam o mesmo modo de ver sobre êste ponto capital: que o mundo tinha que ser salvo quisesse ou não, e a salvação devia ser-lhes imposta custasse o que custasse.

Oh! sem dúvida que nem todos êles falavam a mesma linguagem. Quando o teólogo ou o casuista se esforçavam em reabilitar a força, seus argumentos bem que diferem dos que o político ou o economista empregam. Nem por isso todos êles — alguns talvez sem o saberem — deixavam de estar mais ou menos conquistados pelo princípio de que a Sociedade pode e deve se defender pelos mesmos meios indecorosos que até aqui serviam para o combater. Quando os Políticos aprovavam, os teólogos e os casuistas contentavam-se com distinguir ou escusar-se, mas o resultado era o mesmo. Admitindo implicitamente ou não, que o fim justifica os meios, devia resultar, mais cedo ou mais tarde, a teoria do assassinio legalizado.

Caros amigos brasileiros, eu vi nascer, no meu indoloso país, essa qualidade de gente. Eu os vi reproduzirem-se e se multiplicarem com uma rapidez apavorante. Essa sociedade burguesa, cujo conformismo moral havia fornecido aos escritores franceses, a começar por Balzac, o assunto de tantos romances, achou-se de repente atingida por um acesso de cinismo agudo, por um alastrar de cinismo, com parável ao que produz, nos doentes, uma febre eruptiva, e não menos contaminados do que os outros estavam os Católicos. A primeira crise dessas, data da guerra da Etiópia. Regiões inteiras destruídas por pulverizações de hiperite, segundo os métodos empregados com sucesso na Austrália para a extinção de roedores, as atrocidades represálias, os bombardeios sem riscos, o material imenso acumulado durante meses contra um povo miserável não somente sem armas, mas até sem camiso, tudo isso servia apenas para excitar a verve ironica dos jovens burgueses sob o olhar indulgente dos velhos. A adulação servil do forte, o ódio histérico do fraco, esguichavam dessas consciências como esguicha o pus de um abcesso maduro. Cada vez, por exemplo, que o infeliz Negus ou-sava invocar em Genebra a assinatura dada a seu país por vinte e oito nações, a hilaridade d'êsses senhores não conhecia limites. Sustentar uma palavra empenhada para com um negro, isso lhes parecia o cúmulo da extravagância: e milhares de padres, renegando uma pobre cristandade duas vezes milenar, evangelizada pelo apóstolo S. Tomé, que conta com seus mártires desde o primeiro século, faziam côro com êsses miseráveis. No mesmo momento em que Pio XI condenava o imoralismo político e o fascismo, o clero italiano na sua quasi totalidade esforçava-se por justificar essa guerra vergonhosa, lançando mão de uma casuística em aparência muito complicada, mas que se poderia resumir da seguinte forma: "O assassinio de um negro, ainda que seja cristão, tem muito menos importância do que o de um senhor condecorado que possui conta no banco, sobretudo si êsse negro for bastante perverso para possuir escravos, em vez de ser êle mesmo escravo".

Outrora citei em "Les Grands Cimetiers sous la Lune" uma página muito característica de Vittório Mussolini, filho do Duce, oficial aviador italiano no correr da guerra

da Etiópia, extraída de um livro publicado por êle sobre essa campanha. De novo aqui a transcrevo:

"Ainda não havia eu — declara — visto um grande incêndio, apesar de ter frequentemente acompanhado os autos dos bombeiros... Foi talvez por alguém ter ouvido falar dessa lacuna em minha educação, que um aparelho da 14ª esquadilha recebeu ordem de ir bombardear a zona de Adi-Abo, exclusivamente com bombas incendiárias. Nós... devíamos pôr fogo nas colinas cobertas de mato, nos campos e nas pequenas aldeias. Tudo aquilo era muito divertido. Mas as bombas tocavam o solo arrebentavam numa fumaça branca, levantava-se uma chama gigantesca enquanto que a herva seca se punha a arder. Eu pensava nos animais. Santo Deus! Como êles corriam!... Quando foram esvaziados os chassis porta-bombas comeci a lançar bombas com a mão... Era muito divertido. Não foi fácil atingir uma grande "zariha" cercada por grandes árvores. Tive que fazer pontaria com muita exatidão e só acertei na terceira vez. Os desgraçados que ali estavam pularam para fora quando viram sua cabana pegando fogo e fugiram como loucos... Encurralados pelas chamas, cinco mil Abissínios tiveram ali o seu fim por asfixia. Dir-se-ia um inferno: a fumaça subia a uma altura incrível, e as chamas tingiam de vermelho todo o céu negro".

Queira o leitor meditar sobre essas páginas reveladoras. Ai encontrar-se, talvez, a razão do silêncio guardado até o presente por altas autoridades espirituais, entretanto muito bem informados no tocante às atrocidades da guerra nazi. Como o sr. Mussolini precedeu Hitler, foi a guerra fascista etiópica, abençoada pelo episcopado italiano, aprovado pelas massas católicas do mundo inteiro, que transmitiu seu espírito e seus métodos à guerra nazi.

(De "O JORNAL", de 29-10-1942)

— IV —

Lendo meu último artigo, mais de um leitor há de, com certeza, ter-me censurado por trazer à baila a guerra da Etiópia que, após tantos horrores, parece hoje tão longínqua no tempo, como a guerra de 1914. Caros leitores, vossa repugnância em lembrar êsse passado, é talvez menos desinteressada do que vos possa parecer. Talvez que êsse passado, tão próximo de nós ainda, suscite em vós alguma coisa que se pareça com o remorso. Quem sabe si não sois algumas daquelas pessoas honestas em quem o espírito de partido abafava então o bom senso e a honra? Talvez vós vos encontrásseis entre aqueles que diziam para si próprios que tais crimes eram cometidos muito longe numa terra sem telégrafo e sem jornais, que por isso bem depressa cairiam no esquecimento, e que afinal, o sr. Mussolini passando — muito erradamente aliás — por defensor dos proprietários contra o comunismo, bem que se podia sacrificar-lhe êsses inocentes, que além do mais nem mesmo têm a pele da cor da nossa. Sim, foi d'êste modo que naquele momento raciocinaram cristãos aos milhões. Pensavam ter dado apenas um passo na impostura, imaginavam que bastaria dar um só passo para trás, quando chegasse o momento, para assim retomarem o bom caminho, mas nós sabemos que Deus frustra sempre essas espécies de cálculos. Uma lógica inflexível tornava êsses infelizes cada vez mais estreitamente solidários dum crime, cujas consequências criminosas se viam forçados a justificar uma

após a outra. Cada justificação dum novo crime comprometia-os no crime vindouro. Enganando os outros, acabavam por se enganar a si próprios, e se constituíam assim prisioneiros da própria casuística. Repito que não condeno êsses homens, e receio que êles não estejam infelizmente — humanamente falando — numa espécie de boa fé, terrivelmente parecida com aquela que em outra linguagem se chama empedernimento, mas também confesso, de alma na mão, que isso não é de minha conta. Simplesmente declaro e afirmo com todas as minhas forças que um homem que, na hora presente, a despeito de tudo que sabe, de tudo o que vê, ainda conserva ilusões a respeito do ideal totalitário, deve ser considerado como incurável. Si se tratar dum cristão o prognóstico, como dizem os médicos, é ainda muito mais sombrio. Precitaria repetir que não pretendo de modo algum julgar da culpabilidade daqueles de quem falo? Um pestoso não é responsável por sua peste; nem por isso éria menos estúpido si se rebelasse contra o insulamento. E ainda minha comparação é imperfeita. Há "portadores de germes" que sem apresentarem nenhum dos sintomas agudos da moléstia, são capazes de transmiti-la a cada instante. No mesmo sentido, não me recuso a admitir que se possa encontrar, entre os fascistas, pessoas devotas assíduas às rezas, padres ou religiosos exatos cumpridores dos deveres de seu ministério. O vírus que envenenou milhões de consciências a ponto de torna-las a pouco e pouco insensíveis ao sofrimento, a agonia, a morte duma multidão de miseráveis criaturas, nêles ainda não conseguiu se desenvolver. Assim mesmo o vão transmitindo a outros, menos resistentes do que êles próprios, e que, quando chegar o momento e em circunstâncias favoráveis, hão de virar essas jovens bestas feras que terrorizam a Europa, e para as quais a vida dum adversário não tem maior valor do que a duma mosca.

Digo que não se pode esperar controlar essa propagação, cujo caráter consiste precisamente em se efetuar de maneira discreta, insensível. Propagação não é necessariamente sinônimo de propaganda. Controlam-se atos, escritos, palavras, mas não se conseguiria controlar ou reprimir o silêncio, e entretanto é certo que o silêncio de certos homens subministra à Injustiça uma ajuda mais eficaz do que milhares de discursos ou de brochuras.

O sr. Churchill acaba de declarar na Câmara dos Comuns, que o sr. Hitler mandou fuzilar cinquenta e quatro mil pessoas em Kiev. Os amigos "bem pensantes" do sr. Mussolini ou do sr. Hitler dizem que não têm provas formais d'êsse fato, e põem provavelmente em dúvida a palavra do grande inglês. Mas o que não poderão negar é que na hora mesma em que escrevo, qualquer habitante de qualquer cidade da Europa, entregue aos policiais do Eixó, pode cada manhã perguntar a si mesmo si não terá de pagar com a própria vida, antes do pôr do sol, algum atentado, real ou imaginário, cometido por um desconhecido qualquer contra um soldado nazi — cem judeus, tchecos ou poloneses, por um unico alemão, tal é a taxa. Em certas cidades da Polónia, particularmente dizimada pela guerra, às vezes foi impossível atingir o número exigido por essa proporção monstruosa, e então, na falta de adultos, fuzilaram crianças de doze anos. Ignoro si os homens piedosos de que falava há pouco, terão a ousadia de contestar êsses fatos, por todos conhecidos. Pelo menos êles serão forçados a admitir que não estão de maneira alguma em contradição com os métodos e o espírito dum regime que se gaba publicamente de exterminar judeus. Daí, para que discutir? Não é preciso aprovar ou desculpar essas atrocidades para que se fique sendo seu cúmplice moral. Que um só

homem, encarregado oficialmente do ministério das almas, possa ser judiciosamente suspeito de simpatizar com os algozes, aí está um escândalo intolerável, capaz de subverter as consciências, nelas falseando irreparavelmente a noção do Bem e do Mal. Pouco nos importa que o autor do escândalo seja mais ou menos sincero. Aliás, convém escrever essas palavras sinceridade com as maiores reservas. Si amanhã si soubesse que cinquenta e quatro mil italianos foram fuzilados em Milão ou em Gênova, os mesmos indivíduos que se mostram tão difíceis em matéria de provas por certo que não esperaríamos até terem mandado verificar a soma, para nos ensurdecermos com seus protestos.

O erro irreparável que cometemos, e que desejariamos poupar a outros, foi o de ter esperado que esses transviados, de cujo sentimento íntimo éramos conhecedores, se denunciassem por si próprios por meio de atos ilegais, justamente quando seus inspiradores ansiavam que eles permanecessem precisamente dentro da legalidade, pois assim melhormente lhes serviriam de instrumento. Concedo perfeitamente que tanto ontem como hoje, não chegaram esses infelizes a adquirir um conhecimento completo do papel que os chefes da Nova Reforma lhes atribuíram e que ainda reservam para eles vasto plano de subversão total do mundo; mas as circunstâncias do desastre francês permitem-nos defini-lo perfeitamente, e mostra-lo, se de fato o ignoram. O que deles esperavam os chefes da Nova Reforma em nosso país, é que se abstivessem de trair, criando assim um "clima" favorável à aceitação da Derrota e de suas consequências, uma atmosfera turva na qual o horror mesmo da traição não aparecesse claramente as consciências, se perdesse no vago, no equivoco, tal como um rosto se desvanece na bruma. Toda essa gente excusava-se de fazer política, de pertencer a algum partido, e entretanto, formavam um. E talvez sem o saberem, porque esse Partido por eles formado naquela ocasião não tinha ainda nem nome nem programa; foi preciso que tanto um como outro lhe fossem outorgados pelo nosso Desastre. E esse partido era o da Aceitação da Derrota, da Resignação à Vergonha, e para que ele existisse publicamente, era indispensável que não houvesse remédio para a nossa vergonha, que a Derrota fosse consumada.

Eu nada afirmo aqui que não tenha sido provado pelos acontecimentos. Peço ao leitor atente bem nos fatos. Quando deixei meu país em 1938, com exceção dum número muito reduzido de franceses, quem poderia ter tomado a sério a vasta empresa de derrotismo disfarçada sob as aparências duma cruzada anti-comunista? Encontravam-se por certo em seu meio elementos dos mais disparatados, mas pertencentes todos eles, de perto ou de longe, a essas multidões de pessoas bem pensantes cuja timidez em política era legendaria, que se acreditava fossem inofensivas pois sempre eram vistas a ostentar uma docilidade, exagerada até às menores instruções duras, conhecido até então, pelos constantes protestos de fidelidade ao regime estabelecido, por seu lealismo republicano. Politicamente é exato que essas multidões constituíam o que se chama em física, um peso morto. Mas desde que a derrota lhe ofereça um declive favorável, logo se põe em movimento, levando tudo de envolta na aceleração de sua queda. Para os olhos nada mais plácido e tranquilizador do que uma massa de neve suspensa no flanco duma montanha, cinco minutos antes da avalanche. Mas, alguns instantes depois, no fundo do vale, nada mais ela é do que uma massa de pedras e de lama.

(De "A JORNAL", de 30-10-1942)



Bispos presentes nesta capital, em companhia do Vigário Capitular, foram agradecer ao Snr. Presidente da República as homenagens prestadas à memória do falecido Cardial, hipotecando solidariedade ao governo.

O NINHO

Alberto de Oliveira

O musgo mais sedoso, a úsnea mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a arquitetar o ninho.

Da paina os vagos flocos côm de neve
Colhe, e por dentro o alfombra com carinho;
E armado, pronto enfim, suspenso, em breve,
Ei-lo, balouça á beira do caminho.

E a ave sôbre ele as asas multicores
Estende e sonha. Sonha que o áreo polen
E o nectar suga ás mais brilhantes flores;

Sonha... Porém, de, súbito, a violento
Abalo acorda. Em tórno as fôlhas bolem...
E' o vento! E o ninho lhe arrebatou o vento!



"TAPETES"

Lava-se e concerta-se de toda qualidade. Compra-se, vende-se de segunda mão de todas as medidas

GEORGE MOLDOVANYI
RUA SANTO AMARO, 144
Telefone 25-8030

MODAS



Lindo modelo em organdy liso com enfeite de rendas.



Vestido primaveril em lingerie estampado com recortes.

Jeannette

Chapéus
e
Vestidos

RUA GONÇALVES DIAS, 55

TEL. 22-6353

5.º andar — (Elevador)

RIO DE JANEIRO



Vestido em linho quadriculado com pala em linho liso



O Rosário

Leão XIII

.....
E que mais insigne recomendação para o Rosário que a rapidez, com que, desde a sua instituição, foi acolhido e se converteu em uso em todas as classes sociais! Tem a religião do povo cristão, sem dúvida, muitas maneiras de honrar e celebrar sob muitos títulos a divina Maria, tão exaltada pelos louvores universais acima de todas as criaturas. Mas sempre teve uma assumida preferência por este título do Rosário e por este modo de orar, no qual contem como que a essência do culto devido à Maria; dele se tem servido sempre, em particular e em público, na Igreja e em família, nas confrarias instituídas sob a sua invocação, dedicando-lhe altares e celebrando festas em sua honra, persuadida de que nada de melhor podia fazer para realçar as solenidades de Maria e merecer a sua intercessão e os seus favores.

Não podemos passar em silêncio uma consideração que aqui ressaltava como uma espécie de particular providência da nossa Soberana. Com efeito, sempre que pela ação do tempo se há estirado o zelo da piedade em uma nação, caindo em desuso este piedoso hábito de orar, é notável a unanimidade com que depois, quer nos tempos de crise temível para o Estado, quer sob o império de qualquer outra recessidade, a prática do Rosário, entre todos os outros adjutórios religiosos, tem sido restaurada a resposta no seu lugar de honra e com grande proveito se tem de novo desenvolvido. Para isto não é preciso ir buscar provas no passado, quando as temos brilhantes à vista. Na nossa época tão má para a Igreja, como dissemos ao principiar, e tão dolorosa para Nós, que fomos chamado pela divina Providência para nós assentarmos ao seu leme, podemos Nós ver e admirar, em meio da insurreição das paixões, quão

grande é a devoção e a estima pelo Rosário de Maria, em todos os lugares e entre todos os povos do nome católico. E este fato, que antes se deve atribuir a Deus, que dirige e conduz os homens, do que a qualquer prudência ou habilidade humana, consola grandemente e levanta a Nossa alma, e enche-a de uma grande esperança de ver renovar e até aumentar os triunfos da Igreja, sob os auspícios de Maria.

Não faltam cristãos, contudo, que compreendem o que acabamos de recordar tão justamente, mas que vendo que nenhuma das esperanças relativas em particular à Paz e à tranquilidade da Igreja se não realizou, antes a situação se tem talvez agravado, se desleixam, como fatigados e descoroçados, no seu fervor e devoção por esta piedosa prática.

Mas esses procurem primeiro e esforcem-se por empregar nas orações que dirigem a Deus as disposições convenientes, recomendadas por Nosso Senhor Jesus Cristo: quando as tenham, considerem depois quanto é inconveniente e culposo querer assinalar a Deus o tempo e a maneira de nos socorrer, ele que nada nos deve, e tanto que, quando atende as nossas orações, e *"coroa os nossos méritos, não coroa senão os seus próprios benefícios"*, e quando nos escuta menos favoravelmente segundo os nossos votos, obra como um bom pai providente, para com seus filhos, compadecendo-se das suas insensatezes e provendo à sua utilidade.

Mas as orações que oferecemos humildemente a Deus, em união com os sufrágios dos Santos do céu, para ser propício à Igreja, Ele as acolhe sempre favoravelmente e as atende, tanto as que se referem aos grandes e eternos bens da Igreja, como as que dizem respeito ainda aos primeiros. Pois a essas orações Jesus Cristo, por seus próprios rogos e merecimentos, ajunta um valor e uma graça abundante, Ele *"que amou a sua Igreja e se entregou por ela para a santificar... para mostrar a si próprio a sua Igreja gloriosa"*. Ele que é o seu Pontífice soberano, santo, inocente, *"sempre vivo para interceder por nós"*, e cujas orações e intercessão nós sabemos pela fé que são sempre atendidas.

A respeito dos bens exteriores e temporais da Igreja, esta frequentemente tem que haver-se, como é sabido, com adversários temíveis pela sua malevolência e poder, que lhe tomam seus bens, restringem e oprimem a sua liberdade, atacam e desprezam a sua autoridade, em uma

palavra, causam-lhe toda a sorte de danos e de maus tratos. Ora si se procura a razão porque a sua malvez não vai até o fim das iniquidades que se propõem e se empenham em cometer, estando, aliás, tudo preparado; e porque, ao contrário, em meio de tantas vicissitudes a Igreja se mostra sempre com a mesma grandeza e a mesma glória, embora de um modo diferente e não cessa de crescer, a verdadeira e principal razão deste contraste não se pode deixar de reconhecer que é a intervenção de Deus solicitada pela Igreja. E a razão humana também não se explica como a iniquidade dominante permanece encerrada em limites tão estreitos, ao mesmo tempo que a Igreja cercada por todos os lados não deixa de ir triunfando dela tão magnificamente.

Mas isto é verdade principalmente em relação aos bens superiores, pelos quais a Igreja conduz imediatamente os homens ao seu fim último; pois como tal é a sua missão, deve ter pelas suas orações uma grande influência para o bom cumprimento da ordem da divina e misericordiosa Providência sobre eles, e assim os homens que oram com a Igreja e pela Igreja terminam por merecer e obter *"as graças que Deus onipotente decidiu antes dos séculos conceder-lhes. O espírito do homem é incapaz de compreender presentemente os profundos designios da Providência; mas virá um dia, quando o próprio Deus, em sua bondade, descobrir as razões e o encadeamento dos acontecimentos, em que manifestamente se verá quão grande foi a ação e a influência da oração no destino das coisas. Ver-se-á também que daí procede o haver tantos homens, que em meio da corrupção de um mundo depravado se têm mostrado puros e íntegros de todas as manchas da carne e do espírito, trabalhando para a sua santificação no temor de Deus"*; que outros, que estavam a ponto de se deixar arrastar pelo mal, requeiram imediatamente, e do próprio perigo e da tentação receberam um feliz aumento de virtude; que outros, finalmente, que tendo caído, sentiram em si o impulso que os levantou e os lançou nos braços da misericórdia de Deus.

Tendo, pois, em conta estas considerações, conjuramos instantemente todos os cristãos a que se não deixem surpreender pelas astúcias do antigo inimigo, e a que não desistam por nenhum motivo de zelo da oração, mas antes nela perseverem e persistam *"sem interrupção"*. Seja seu primeiro cuidado o do supremo bem e

peçam a salvação eterna de todos e a conservação da Igreja.

Podem depois pedir a Deus os outros bens, necessários ou úteis à vida, contando que se submetam antecipadamente à sua vontade, sempre justa, e lhe dêem graças como a Pai benfeitor, quer conceda, quer negue o que lhe peçam; que tenham, finalmente, a religião e piedade para Deus, que tão necessária é e que os santos tiveram e o próprio Redentor e Mestre teve, essa piedade *"que clama e chora"*.

E agora o Nosso ministério e a Nossa pastoral caridade desejam que imploremos de Deus, soberano dispensador dos bens, para todos os filhos da Igreja não só o espírito da oração, mas também o da penitência. Fazendo-o de todo o Nosso coração, exhortamos igualmente a todos e a cada um para que pratiquem estas duas virtudes, tão estreitamente unidas entre si. A oração tem por efeito sustentar a alma, dar-lhe valor, levá-la, para as coisas divinas; a penitência tem como resultado dar-nos o império sobre nós mesmos, especialmente sobre o nosso corpo, cheio do peso da antiga culpa e inimigo da razão e da lei evangélica. Estas virtudes, como é fácil ver, sustentam-se mutuamente uma à outra, e concorrem igualmente para subtrair e arrancar coisas caducas do homem nascido para réu e o elevam de alguma sorte a um comércio celestial com Deus. Succede pelo contrário que aquele em cuja alma fervem as paixões, cai na malícia pelas ambições, encontra insipidas as doutrinas nas coisas celestiais e toda a sua oração se reduz a uma palavra fria e lânguida, indigna de ser escutada por Deus.

Temos ante os olhos os exemplos de penitência dos santos, cujas orações e súplicas, como sabemos pelos annos sagrados, foram por esta mesma causa extremamente agradáveis a Deus e obraram prodígios. Eles regravam e domavam constantemente seu espírito e seu coração; punham todo o empenho em sujeitar-se com plena aquiescência e completa aos ensinamentos e preceitos da sua Igreja; em não terem vontade própria em coisa alguma, senão depois de haverem consultado a Deus; em não encaminharem todas as suas ações senão para o aumento da glória do Senhor; em comprimir e contrariar energicamente as suas paixões; em tratar com implável dureza o seu corpo; em se absterem por virtude de todo o prazer, por inocente que fosse.

Desta maneira podiam, com toda a verdade, aplicar-se a si mesmo estas palavras de S. Paulo: *"A nossa conversação está no céu"*; e também por isso é que as suas orações eram tão eficazes junto de Deus, a quem imploravam e supplicavam. E' claro que nem todos podem nem devem chegar a tanto; mas as razões de justiça divina exigem que cada um, em espírito de voluntária mortificação, castigue a sua vida e os seus costumes; e convem muito que se imponham penas voluntárias para merecerem maior recompensa da virtude.

Por outra parte, como no corpo místico de Jesus Cristo, que é a Igreja, estamos todos unidos e vivemos como seus membros, segue-se, segundo a palavra de S. Paulo, que a maneira que todos os membros se regozijam do que acontece de feliz a um deles, e se entristecem com o que sofre, assim também os fiéis cristãos

devem seguir os sofrimentos espirituais ou corporais, uns dos outros, e ajudarem-se entre si quanto possam: *"Que todos os membros trabalhem igualmente para o bem, uns dos outros; assim, quando um membro sofre, todos os demais sofrem com ele, e si um membro recebe honra, todos os outros gozam com ele. E vós sois de Jesus Cristo, e membros uns dos outros"*.

Para quem deseja imitar o exemplo de Jesus Cristo, que derramou com imenso amor a sua vida para a satisfazer pelos nossos pecados, há neste modelo de caridade uma exortação a tomarmos sobre cada um de nós as faltas dos outros; há também um grande laço de perfeição, que permite aos fiéis estarem unidos entre si, e também muito estreitamente com os cidadãos do céu e com Deus. Em uma palavra: a ação da santa penitência é tão variada e engenhosa, e estende-se tanto que cada um, segundo a sua piedosa maneira e com boa vontade, pode fazer dela um uso frequente e um pouco difícil. Em conclusão, Veneráveis Irmãos, esperamos com a vossa ajuda um feliz resultado das nossas advertências e exortações, em razão da vossa insigne e particular piedade para com a Mãe de Deus, e da vossa caridade e zelo pela grei cristã; e estes frutos, que a devoção tantas vezes manifestada com esplendor dos católicos por Maria tem produzido, já a Nossa alma goza em o colher antecipadamente em grande número e abundância.

Chamados por Vós, em virtude das vossas exortações e seguindo-as, desejamos que os fiéis, principalmente no próximo futuro mês, se apinhem em volta dos solenes altares da augusta Rainha, da Mãe cheia de bondade, afim de lhe tecerem e oferecerem, como bons filhos, com a oração do Rosário, que tanto lhe agrada, uma corda mística. Além disto, Nós conservamos e confirmamos as prerogativas e os favores da santa indulgência concedida precedentemente por este motivo.

Que belo e imponente espetáculo será nas cidades, nas freguezias, nas aldeias, em terra e no mar, em toda a parte por onde se estenda o mundo católico, que esses milhões de fiéis, associando os seus louvores e juntando as suas orações, com um só coração, com uma voz unânime, se reunam para saudar Maria, pedindo e esperando tudo de Maria.

Que por sua intercessão se esforcem todos os fiéis, depois de haverem rogado a seu divino Filho, em implorar a volta das nações que se não separam das instituições e princípios do cristianismo, que são fundamentos de salvação para os povos e manancial da verdadeira felicidade, tanto mais quanto este é o maior de todos os bens, que a Igreja, nossa Mãe, recobre a posse da sua liberdade e possa desfrutá-la em paz: LIBERDADE que, como é sabido, não tem outro fim para a Igreja senão o de poder proporcionar aos homens os supremos bens.

Longe de ter jamais causado até agora prejuízo algum aos particulares e às cidades, ela tem-lhes procurado em todos os tempos numerosos e insígnis benefícios.

Que por meio da oração à Rainha do Santíssimo Rosário, Deus vos conceda, Veneráveis Irmãos, os favores dos bens celestes; que por esse meio Ele aumente e acrescente de dia para dia as forças e os socorros que vos são necessários para desempenhardes os cargos do vosso ministério pastoral.

A Polônia agradece

Recebemos da Legação da Polônia o seguinte officio:

Rio de Janeiro, em 19 de Outubro de 1942.

Senhor Bispo,

Tenho a honra de agradecer a V.

Excia. a amavel publicação do artigo sobre Nossa Senhora de Czenstochowa, inserido no número de setembro do "Mensageiro de N. S. Menina".

Para os Poloneses residentes no Brasil, ou aqui abrigados, da grande tempestade, que abala o mundo, é, sem dúvida, um consolo poder rogar pela Pátria sofredora, diante da imagem da Virgem, que se invoca, ha séculos, na Polónia, e que tem sido a esperança viva, nas horas sombrias da nacionalidade.

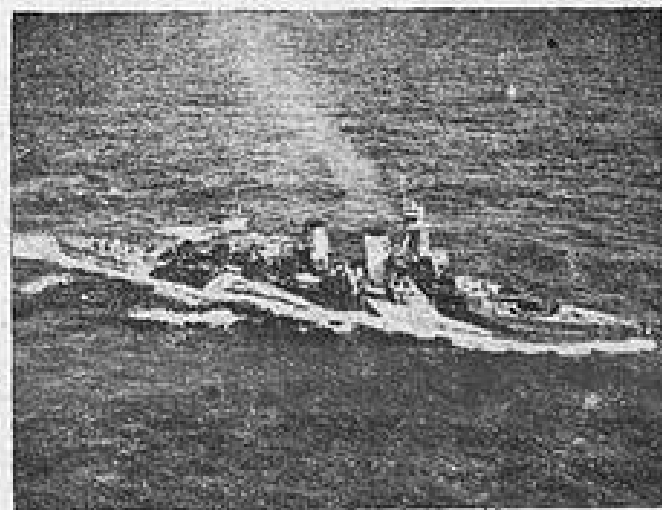
Sirvo-me do ensêjo para apresentar a V. Excia. com meus agradecimentos, a expressão de minha distinta consideração.

Ministro da Polónia

Dr. Tadeu Skowronski



Jovens britânicos em treinamento de tiro num campo de operações bélicas.



O couraçado inglês "Frobisher" escoltando um comboio a caminho de Gibraltar.

CYMA

Regula
o mundo
inteiro

PRECISÃO
ABSOLUTA.



Sociais

Naqueles dias, disse o Anjo Rafael a Tobias: É bom conservar escondido o segredo do rei, mas é coisa de honra manifestar e publicar as obras de Deus. É boa a oração acompanhada do jejum e da esmola; é melhor do que juntar tesouros de ouro; porque a esmola livra da morte e é ela que apaga os pecados e faz achar a misericórdia e a vida eterna. Mas, os que cometem pecado e iniquidade são inimigos das suas almas. Eu, pois, vos descubro a verdade, e não vos occultarei o que está em segredo: Quando tu oravas com lágrimas, enterravas os mortos, deixavas o teu jantar, e occultavas os mortos em tua casa de dia, para os enterrar á noite, eu apresentei as tuas orações ao Senhor. E como eras agradável ao Senhor, foi necessário seres provado pela tentação. E agora me enviou o Senhor a curarte, e a livrar do demônio a Sara, mulher de teu filho; porque sou o Anjo Rafael, um dos sete que estão diante do Senhor. (Tob. 12, 7-15).

ANIVERSARIOS:

Outubro

- 1 — Ernestina Pfaltzgraff
- Jorge Luiz, filho de D. Ester Abreu do Ó de Almeida.
- 2 — Dr. Nelson Franklin de Matos.
- 4 — Suelli, filhinha do Dr. Wlademiro Bodanoss e de D. Cilene Soares Bogdanoss.
- 6 — Wanda Pfaltzgraff

MENSAGEIRO N. S. MENINA

- 9 — Noquinha Castello Branco
- 13 — Eduardo Costa Matos.
- 14 — Ernestina Lemos
- 15 — Amenaide Tourinho, esposa do Sr. Afonso Tourinho.
- 18 — Coronel Augusto Freire da Silva Sobrinho.
- 21 — Branca Rocha Dias Vieira, viúva do Capitão Tenente José Joaquim Dias Vieira.
- 22 — Anésia do Ó de Almeida — Argentina Tourinho.
- 23 — Coronel Pélío Ramalho
- 25 — Lília de Castilho Freire
- 26 — Rosa Tavares de Carvalho.



Aniversário do galante menino João Sinelli, filho do Sr. Salvador Sinelli e de D. Catarina Cava Sinelli.

ANIVERSARIO DE CASAMENTO

Outubro

- 25 — Bodas de prata de Alarico Soares e Leonor de Araujo Soares.

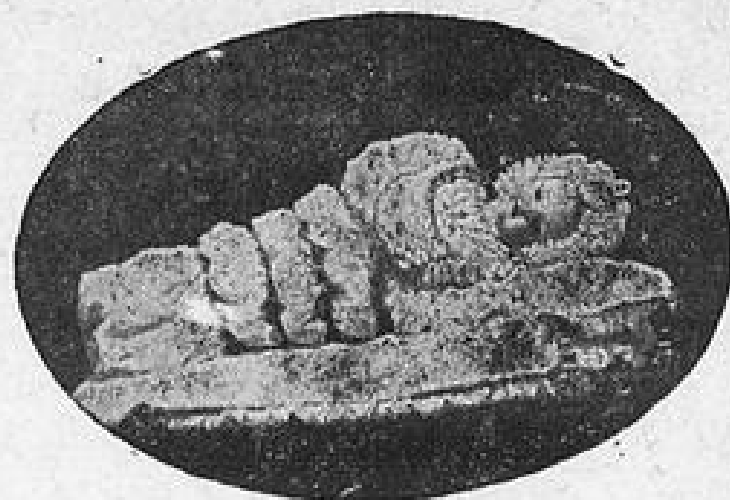
CRISMAS

Outubro

- Na Capela de N. S. Menina foram crismados:

- 3 — Maria Teresa Klaes e Luiz Klaes.
- 7 — Elisabeth Valeurto de Albuquerque.
- 11 — Maria da Glória Barros Costa, Cecília Rodrigues do Sacramento, Maria da Silva Gomes, Jansilto da Silva Gomes, Mhr'lia Pereira Cardoso, Adalgisa do Carmo, Beatriz Neves Torrao, Alexandre do Carmo, Maria da Glória Gomes, Hélio da Costa Moreira, Lélia da Costa Moreira, Isaltina dos Santos, Villahyr Corrêa Picanes, Vilma Corrêa Picanes, Vilmar Corrêa Picanes e Almira Cardoso.
- 18 — Paulo Tomaso Lugarinho, Geraldo Moreira Tavares, Luzia Pinto Abreu, Ernesto Moreira da Silva, Nelson Martins dos Santos.

Os Sorrisos de N. S. Menina



Eu como a vide brotei flores de agradável odor, e as minhas flores são frutos de honra e de honestidade. Eu sou a Mãe do amor formoso, do temor, da ciência e da santa esperança. Em mim há toda a graça do caminho e da verdade, em mim toda a esperança da vida e da virtude. Passai-vos a mim, todos os que me cubiais, enchei-vos dos meus frutos; porque o meu espirito é mais doce do que o mel, e a minha herança vence em doçura o mel e o favo. A minha memória durará por todas as gerações dos séculos. Aqueles que me comem terão ainda fome, e os que me bebem, terão ainda sede. Aquele que me ouve, não será confundido e os que operam por mim, não pecarão. Aqueles que me esclarecem, terão a vida eterna (Ecl. 24, 23-31).

RIO DE JANEIRO — Ligia Menezes Braga, solteira, residente á Rua Pareto, 26 c. IV — agradece á N. S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Maria Graupera Tavares, casada, residente á Jarreira da Silva, residente á Rua S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Araci Pereira da Silva, residente á Rua S. Francisco Xavier, 100 c. I — agradece á N. S. Menina a cura de differia de seu filho Gilmar.

RIO DE JANEIRO — Francisca Pereira de Araujo Freitas, casada, residente á Avenida Mello Mattos, 39 — agradece á N. S. Menina sua cura de um grave abcesso.

RIO DE JANEIRO — Clarice Lopes de Souza, viúva, residente á Rua Antônio Salema, 2 — agradece á N. S. Menina uma graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Maria Rocha Marques, Zizinha, casada, residente á Rua Teodoro da Silva, 735 c. XIX — agradece á N. S. Menina as seguintes graças: a volta de seu pai ao lar, depois de 26 anos de ausência; cura de sua mãe, v'tima de uma fratura no fêmur aos 64 anos de idade.

FOLHETIM

SANTA BERNADETTE

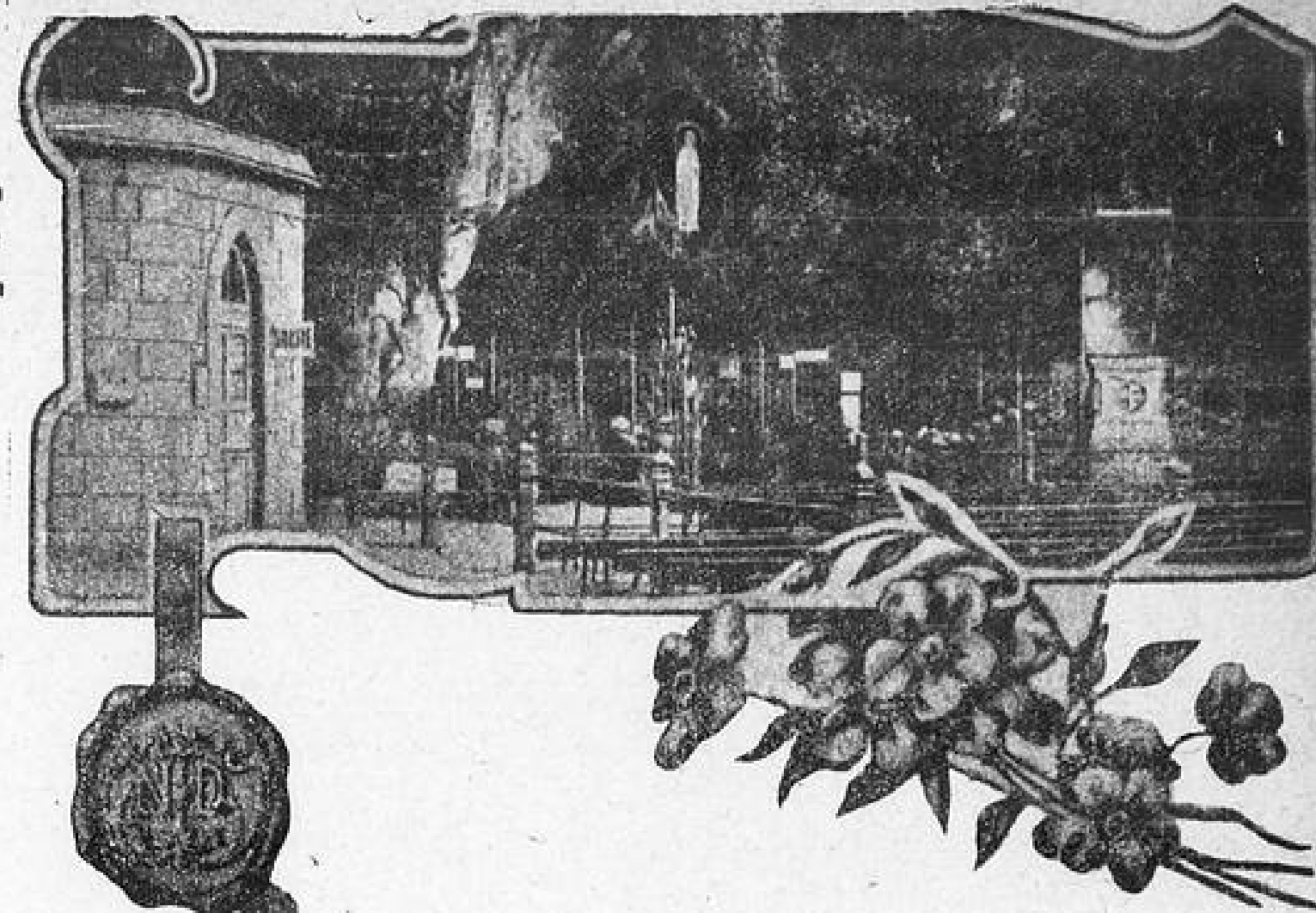
Versão de A. Peixoto do Amaral

A VIDA PÚBLICA

Livro II

Bernadette e as Aparições

(Continuação)



Deixou Bernadette tudo quanto podia deixar da vida humana; e, tendo concluído a sua missão pública, entrou no vestibulo do Céu, que se chama a vida religiosa.

Devia, pois, durante doze anos florescer nesse jardim do Senhor.

Agora vamos procurá-la aí, encantando e edificando as suas companheiras... No último dia da Vidente, foram abertas as portas do claustro e entrando aí conosco os nossos leitores, também conhecerão os suaves segredos do jardim fechado.

Mas, antes disso, afim de bem nos apoderarmos de certas fases, convem dizer algumas palavras, acerca do que se passou exteriormente, durante o decurso destes doze anos.

Porque mesmo a pessoa de Bernadette está muito intimamente unida á história de Nossa Senhora de Lourdes, ainda mesmo que ela nos pareça ausente, para que seja possível separarmô-la inteiramente dela.

Esses doze anos, como bem se podem recordar, foram terríveis para a Igreja e para o mundo, por estarem eivados de dolorosos acontecimentos e de sanguinolentas catástrofes. Perseguição religiosa em quasi toda a Europa; violação do Patrimônio Pontifício, cativo e morte de Pio IX; ascensão de Leão XIII durante o mesmo cativo; a força sobrelevando o direito.

E em França guerra fatal, o país invadido, desmembramento do segundo império, território desmembrado, crimes da comuna, assassinato dos refens, imolação de sacerdotes, fuzilamento do Arcebispo, espantosas discórdias civis... Quantas ruínas acumuladas, quantas cruéis recordações, e sombrios horizontes, durante o espaço desses doze anos!

E todavia, no meio de tantas provações, foi-nos grato ver aumentar a fé, a esperança e a caridade no coração dos filhos de Jesus Cristo. Reapareceram as peregrinações na face do Globo. Atravessaram a terra; transpuzeram o oceano. Graças aos cami-

nhos de ferro e ao vapor, tomaram proporções e um caráter particular, que nunca outra época nem outra nação conheceu, desde a origem do mundo. A cidade de Deus também teve a sua crise; teve o seu grande movimento para a Virgem Imaculada, aparecida na Gruta de Lourdes... E houve um dia, em que, no seio da mais considerável reunião de Bispos, que há cinco séculos se haviam reunido em França, o Soberano Pontífice da Igreja fez coroar por seu Legado a estátua de Nossa Senhora de Lourdes, como a Imagem da Rainha do céu...

Depois de termos contado o papel de Bernadette na origem deste acontecimento milagroso, e a missão que tão admiravelmente cumpriu o abade Peyramale, deve-nos ser permitido também dizer que Deus — que se serve de tudo e que se compraz em fazer brilhar a sua glória pela própria impotência dos instrumentos que escolheu, — havia-se dignado abençoar além de toda a medida um humilde livro do mais indigno dos seus servos, e empregá-lo em propagar em todo o Universo a boa nova das Aparições de Maria, e do jorro da Fonte miraculosa.

Esse livro, que é uma história, pertence também á História. Conseguindo vencer — por meios que só Deus conhece —, um primeiro obstáculo, falaremos dêle com a mesma liberdade e a mesma simplicidade que teríamos falado de um outro livro estranho, e como si o seu autor, inteiramente desconhecido, tivesse falecido há cincoenta anos.

Qual foi nesse livro a parte de Bernadette? Quais foram as suas relações com o historiador? E' o que vamos expôr, imprimindo aqui para o público, um fragmento das nossas Memórias íntimas.

Como os nossos leitores sabem, fui atacada em 1862 de um enfraquecimento de vista que me impedia absolutamente de ler e escrever. Sem esperança humana de cura e seguindo os conselhos de um amigo protestante, recorri a Nossa Senhora de Lourdes, que eu não conhecia então, senão pelas impertinências de alguns jornais livres pensadores e em quem não tinha senão uma fé muito hesitante. Ditei ao

meu amigo, para o Revdo. Abade da Paróquia de Lourdes, sacerdote cujo nome ignorava, uma carta que ele escreveu e eu assinei. Pedia uma garrafa de água da Gruta. Chegou-me na sexta-feira, 10 de Outubro de 1862. Apenas banhei os olhos com essa água miraculosa, a doença desapareceu de repente, e a vista foi-me restituída em toda a sua força e em toda a sua clareza. Este fato extraordinário sucedeu em Paris.

Fiz conhecer a cura ao Abade Peyramale, dirigindo-lhe uma carta de agradecimento. Ele ficou, segundo parece, muito comovido. E, segundo o influxo dessa emoção, teve como um pressentimento e uma espécie de intuição do futuro. Tendo ido nesse dia ou no dia seguinte ao hospício de Lourdes, casa das boas Irmãs de Nevers, que aí tratam os doentes, e dão escola às crianças, leu-lhes essa carta.

Depois dessa leitura, pronunciou com sua voz grave e firme, essa palavra que as faz admirar — palavra repetida muitas vezes por quem a ouviu, porque as Irmãs gostam de prestar esse testemunho:

— Eis aí o homem que será o historiador de Nossa Senhora de Lourdes! A Santíssima Virgem curou-o para isso. Ela acaba de o escolher.

E assim devia ser efetivamente. Tendo, na sua equidade soberana, escolhido Bernadette, para lhe aparecer, por causa da sua completa inocência; tendo escolhido o Abade Peyramale para ser um fundador humano da sua obra, por causa da sua heróica virtude, havia também, na sua infinita misericórdia, lançado os seus olhares para a extremidade oposta, no oceano do mundo, e escolheu-me para a sua história, por causa sem dúvida das minhas inumeráveis faltas, para mostrar que, si Ela é a Rainha dos Santos, não é menos a Mãe dos fracos e dos doentes, chamando igualmente o justo e o pecador, para a participação das suas graças.

Em 1863 fui a Lourdes para agradecer Aquela que me tinha curado por um ato sobrenatural do seu poder e da sua bondade. Conheci o pároco das Aparições... Conversei muito tempo e por muitas vezes com Bernadette, recolhendo com um cuidado piedoso todos os pormenores das suas narrações. Notava mesmo, nada querendo esquecer, todas as suas respostas às minhas perguntas, que eu lhe fazia com o coração sobressaltado, ávido de descobrir desde este mundo alguma coisa das glórias do céu e do trabalho de Deus.

Da sua parte, o Abade Peyramale, que tinha sido, depois de Bernadette, o grande operário de Nossa Senhora, contou-me diversos episódios do drama divino que se havia assinalado em Lourdes.

Essas longas conversações, essas repetidas palestras faziam-me entrever pouco a pouco, posto que ainda vagamente, uma história íntima e detalhada desses acontecimentos maravilhosos cuja breve notícia que eu tinha lido não apresentava senão o resumo e por assim dizer o esboço geral.

A sombra da Gruta, ao lado da Fonte, em frente dessa excavação deserta, onde a Virgem havia colocado os pés, formei então, sem todavia pronunciar o voto, o projeto de escrever, si a graça de Deus me permitisse, essa história sobrehumana.

O Abade de Lourdes que concebia, há perto de um ano, depois da minha cura sobrenatural, o pensamento de que eu fôra chamado a essa obra, respondeu-me, quando eu lhe dei parte da minha resolução: — Foi Maria que vos inspirou.

Monsieur Lourenço, Bispo da Diocese, abriu-me os arquivos do Bispado; comunicou-me os autos da comissão do inquérito, os relatórios dos médicos, as correspondências que haviam sido trocadas. Fez-me até a fineza de me confiar todos esses documentos.

Toda a história está aí — me disse o Bispo, entregando-me os papeis. Quanto serei ditoso que consigais o vosso intento!

Nem ele, nem eu, nem ninguém, exceto o Abade de Lourdes, previa a extração extraordinária que a Providência havia de dar ao livro, ainda por escrever, e de que nos ocuparemos.

Em Lourdes, tinha sido viva a minha impressão. Entrando em Paris e no mundo, devo confessar, ruborizando-me, que essa impressão se desvaneceu a pouco e pouco. A graça de Deus perde-se facilmente entre certas almas fracas, e vacilantes, e eu era e sou ainda dessas almas. A Santíssima Virgem que me curou e me tocou o coração nunca alterou o fundo da minha natureza frágil e pecadora. Dissipei-me... viajei; fui a Roma. Não soube resistir á invasão de outros trabalhos acessórios e secundários; e deixei para trás esse trabalho essencial. Fui ingrato. Esqueci quasi o benefício e por conseguinte o reconhecimento.

Não me tendo entregue ao trabalho desde o primeiro dia, deferia de semana em semana, depois de mês em mês e enfim de ano em ano a execução do meu projeto.

De tempos a tempos uma carta do Abade de Lourdes vinha despertar os meus remorsos, que adormeciam imediatamente, sem produzirem fruto algum.

Assim decorreram quatro anos.

Uma tarde, no princípio de agosto de 1867, desajei confessar-me. Mas nesse dia não estava em casa o venerável Padre Ferrand de Missol, a quem me costumava dirigir.

Entrei, ao acaso, numa pequena Capela da rua Duguay-Trouin.

Pedi um Padre e fui esperá-lo á sombra do confessionário. Era quasi noite.

O Padre chegou um instante depois.

Eramos desconhecidos um ao outro.

Acusei-me das minhas faltas. Depois acrescentei:

— Todo o pecado por mim cometido é tanto mais grave, quanto eu já fui outrora objeto de um insigne e milagroso favor da parte da Santíssima Virgem.

— E que favor foi esse?

— Os meus olhos estavam quasi cegos e não podia ler nem escrever. Mas Nossa Senhora de Lourdes restituiu-me instantaneamente a integridade da minha vista. E, tendo ido á Gruta um ano depois da cura, tomei a resolução, sem que todavia me compromettesse por um voto, de escrever a história dos acontecimentos que me deram origem á peregrinação de Lourdes.

Mal disse estas palavras, fui interrompido pelo Padre, que me disse com uma voz, que eu nunca esquecerei:

Capela de N. S. Menina

A Capela de N. S. Menina é na residência de Dom Carlos Duarte Costa, Bispo Titular de Maura.

Rua Oto de Alencar, 20. Fone: 28-7823.

Todos os dias, inclusive os domingos, Missa, às 7 horas.

Todos os sábados, terço, ladainha, bênção do Santíssimo e de Nossa Senhora, às 8 horas da noite.

Na véspera da primeira sexta-feira de cada mês, terço, ladainha, Hora Santa, terminando com a bênção do Santíssimo, às 8 horas da noite.

Nos domingos, dias santos e nas primeiras sexta-feiras de cada mês, a bênção é em seguida á Missa.

No dia 8 de cada mês, às 7 hs. — Missa pelos benfeitores vivos e defuntos, em seguida bênção do Santíssimo.

Mensageiro de N. S. Menina

Registrado no D.I.P. sob o número 10.584

Administração

CAPELA DE N. S. MENINA

Redação:

Rua Oto de Alencar, 20 — Fone 28-7823

Escritório:

Rua da Constituição, 10 - 1.º — Fone 22-7368

— Rio de Janeiro —

Sucursal-S. Paulo

Praça da Sé, 108 - 5.º and.

Fone: 3.3855

Proprietário e Diretor:

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo de Maura)
Revista Mensal Ilustrada, de caráter católico,
educativo e social, inspirada na devoção de
"NOSSA SENHORA MENINA"

ASSINATURAS:

Capital Federal (12 números)	20\$000
Nos Estados (12 números)	30\$000
Número avulso	2\$000
Número atrasado	4\$000

